

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO EM GESTÃO INTEGRADA DO TERRITÓRIO

THIAGO MARTINS SANTOS

**ITUETA:
da articulação à desarticulação de um território (1926-2005)**

Governador Valadares

2013

THIAGO MARTINS SANTOS

**ITUETA:
da articulação à desarticulação de um território (1926-2005)**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Vale do Rio Doce, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Integrada do Território.

Orientadora: Dra. Sueli Siqueira

Governador Valadares

2013

THIAGO MARTINS SANTOS

ITUETA:

da articulação à desarticulação de um território (1926-2005)

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Gestão Integrada do Território da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Vale do Rio Doce, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Integrada do Território.

Governador Valadares, 12 de abril de 2013.

Banca Examinadora:

Professora Dra. Sueli Siqueira - Orientadora
Universidade Vale do Rio Doce

Professor Dr. Douglas Sathler dos Reis
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Professor Dr. Mauro Augusto dos Santos
Universidade Vale do Rio Doce

Ao meu avô Carmo,
minha eterna saudade e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que estiveram comigo neste percurso, em seus diferentes espaços e tempos. Assim, meu muito obrigado:

A Deus, pela presença e pela proteção constante.

Aos moradores de Itueta, por terem aberto suas casas e suas memórias para que este trabalho pudesse ter vida.

À minha família, pelo apoio e incentivo que sempre me concedem, favorecendo minha trajetória formativa. Aos meus pais Ciro e Carminha. Aos meus irmãos Matheus e Samuel. À minha avó Cecília. Aos meus tios e primos. Às minhas amigas Renata e Sandra. Muito obrigado.

À minha orientadora Sueli Siqueira, pelo compromisso e pela convivência generosa.

Aos meus professores do GIT: Sueli Siqueira, Haruf Espíndola, Patrícia Genovez, Mauro dos Santos, Nádia Biavati e Gabriela Bicalho, pelas lições aprendidas.

Aos meus amigos de curso: Cibele, pelo companheirismo e pelo diálogo durante toda caminhada; Sandra, pelo suporte na realização da pesquisa de campo; Letícia, Patrícia e Luciano, pela parceria nas diversas atividades a que nos envolvemos.

Aos professores componentes da banca examinadora: Sueli Siqueira, Douglas Sathler e Mauro dos Santos, obrigado pelas contribuições.

Agradeço, também, à Fapemig, pelo auxílio financeiro que possibilitou a realização deste percurso.

[...] as experiências nos cenários eternizados na memória
são tesouros guardados com muita ternura.

Zeny Rosendhal e Roberto Corrêa

RESUMO

SANTOS, Thiago Martins. **ITUETA: da articulação à desarticulação de um território (1926-2005)**. Governador Valadares, 2013, 71 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território) – Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, Brasil.

O objetivo geral desta dissertação é compreender o processo de formação do território de Itueta e, de maneira secundária e complementar, como ele é expresso na memória dos moradores. O referencial teórico considera as contribuições de autores que se alinham à vertente cultural(ista) de território, privilegiando a subjetividade dos moradores que protagonizaram a história da cidade, seus comportamentos e costumes, suas formas de sociabilidade e suas experiências de vida. Para atingir o objetivo proposto foi realizada uma pesquisa de campo com doze moradores que narraram suas histórias sobre a cidade. Os resultados mostram que o processo de formação territorial de Itueta é histórico e contempla, inicialmente, a ocupação de um espaço e sua configuração em território. Perpassa uma longa trajetória de articulação e, posterior, desarticulação, em função da construção da Usina Hidrelétrica de Aimorés, que provocou a realocação da cidade. Podemos concluir que o território de Itueta foi concebido, desenvolveu-se num longo período histórico e foi apagado fisicamente. No entanto, essa destruição é apenas física uma vez que a cidade continua a existir enquanto território simbólico na memória dos seus moradores.

Palavras-chave: Território, Territorialidades e Memória.

ABSTRACT

SANTOS, Thiago Martins. **ITUETA: from the articulation to the disarticulation of a territory (1926-2005)**. Governador Valadares, 2013, 71 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Integrada do Território) – Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE, Brasil.

The major goal of this dissertation is to understand the formation process of the territory of Itueta, and secondly, how it exists in the memory of its residents. This work is theoretically based on the contributions of authors who are aligned to the cultural theory of territory, focusing on the subjectivity of the residents who were important to the city's history, highlighting their manners and customs, forms of sociability and their life experiences. In order to reach this goal, we conducted a field study with twelve residents who narrated their stories involving the town. The results show that the territorial formation process of Itueta is historical, and it considers space occupation and territory configuration as well. It covers a long history of articulation and displacement because of the construction of the hydroelectric plant of Aimorés, which caused the town relocation. We can conclude that the territory of Itueta was designed and developed during a long historical period, and it was physically erased. However, this destruction is only physical since the town still exists as a symbolic territory in the memory of its residents.

Keywords: Territory, Territorialities and Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Localização geográfica de Itueta	14
FIGURA 2 – Antiga cidade de Itueta	14
FIGURA 3 – Pedra Fundamental da nova Itueta	48
FIGURA 4 – Terraplanagem, nova Itueta	48
FIGURA 5 – Prefeitura Municipal de Itueta	51
FIGURA 6 – Demolição da Prefeitura Municipal de Itueta	51
FIGURA 7 – Igreja de São João Batista	52
FIGURA 8 – Demolição da Igreja de São João Batista	52
FIGURA 9 – Conjunto de casas populares, nova Itueta	54
FIGURA 10 – Canteiro de obras, Itueta velha	54
FIGURA 11 – Escola Estadual Américo Vespúcio	57
FIGURA 12 – Escola Estadual Américo Vespúcio	57
FIGURA 13 – Estação de Itueta	58
FIGURA 14 – Doceiras na Estação de Itueta	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O PERCURSO DO PESQUISADOR PELO TERRITÓRIO/MEMÓRIA DE ITUETA	17
2.1 VIAGEM EM TORNO DO TERRITÓRIO DE ITUETA	19
2.1.1 A construção do objeto.....	19
2.1.2 A formulação do problema.	21
2.2 A AVENTURA DE INVADIR O TERRITÓRIO DE ITUETA	24
2.2.1 O desenho do percurso metodológico.....	24
3 A ARTICULAÇÃO DO TERRITÓRIO DE ITUETA	31
3.1 A FORMAÇÃO DOS PRIMEIROS TERRITÓRIOS DO MUNICÍPIO	32
3.2 A FORMAÇÃO DE UM TERCEIRO TERRITÓRIO: A CIDADE	35
3.3 A ASCENSÃO E A DECADÊNCIA DO TERRITÓRIO DE ITUETA	42
4 A DESARTICULAÇÃO DO TERRITÓRIO DE ITUETA.....	46
4.1 A CHEGADA DA UHE AIMORÉS E A DESARTICULAÇÃO DO TERRITÓRIO DE ITUETA	46
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS.....	66

1 INTRODUÇÃO

Itueta é um pequeno município mineiro, localizado no Vale do Rio Doce, próximo à divisa com o Espírito Santo, em uma área de aproximadamente 453 Km², e uma população estimada de 6.051 habitantes (IBGE, 2013). Seu surgimento aconteceu no início do século XX, mais precisamente durante a I Guerra Mundial (1914-1918), com a chegada de colonos de descendência germânica (alemães e pomeranos) e italiana, vindos do Espírito Santo. Na região, os descendentes de germânicos se fixaram na parte esquerda do Rio Doce, ao norte do município, e os descendentes de italianos se instalaram no lado direito do rio, ao sul, nas cabeceiras do córrego Quatis. Com o tempo, esses espaços foram sendo apropriados e significados por tais núcleos, configurando-se em dois territórios. Os territórios “germânico” e “italiano” se fundaram há cerca de trinta quilômetros de distância um do outro. Ambos contribuíram significativamente para o desenvolvimento do município de Itueta.

O núcleo que deu origem ao território-sede de Itueta formou-se mais tarde, em meados da década de 1920. Em 1926 chegaram algumas famílias vindas de Palmas, município da Zona da Mata mineira, que se estabeleceram entre os dois núcleos iniciais, à margem esquerda do Rio Doce e no entorno da Estrada de Ferro Vitória-Minas. O coronel Osório Barbosa de Castro e Silva, capitão do grupo, adquiriu uma propriedade de 200 alqueires de terra no local, onde construiu a “Fazenda Barra dos Quatis”. Nesse mesmo ano o coronel acertou a vinda de operários e colonos para trabalhar na construção da sede da fazenda e de outras casas ao redor. Com a formação do povoado, chegaram outras famílias.

O local estratégico, ocupado por este núcleo, favoreceu seu desenvolvimento territorial e, em função disso, em 1938, foi elevado à categoria de distrito de Resplendor, pelo decreto-lei nº 148, de 17 de dezembro de 1938, denominando-se distrito de Itueta. A emancipação política aconteceu dez anos depois, pela lei nº 336, de 27 de dezembro de 1948. O município criado passou

a contar com dois distritos: Itueta (território-sede, cidade) e Quatituba (território de descendentes de italianos). O topônimo “Itueta” veio em 1927 com a inauguração da estação ferroviária, denominada de Estação de Itueta, pela direção da Estrada de Ferro Vitória-Minas. O nome Itueta é de origem tupi-guarani e significa “muitas cachoeiras” (sendo: Itu = cachoeira; e Eta = muitas), sendo uma referência às características do ambiente natural (CASTRO, 2001).

A construção da Estação Ferroviária, em 1927, iniciou a aproximação dos diversos núcleos, já que os descendentes de germânicos e italianos se convergiam para a sede de Itueta para escoarem seus produtos agrícolas na parada do trem. Dessa forma, foi se destacando o desenvolvimento socioeconômico e cultural desse núcleo. Os brasileiros oriundos da Zona da Mata mineira e os descendentes de imigrantes europeus que, por essa razão, estabeleceram-se em Itueta, partilharam o local e aspectos das diversas culturas em seu cotidiano. Construíram suas identidades, a partir, também, dessas diferenças (WOODWARD, 2006). Por outro lado, os núcleos de descendentes que se mantiveram isolados preservaram mais suas culturas originais, que seus antepassados trouxeram da Europa.

O período compreendido entre a chegada do coronel Osório Barbosa de Castro e Silva, em 1926, até meados da década de 1960, é considerado o “período de ouro de Itueta”. Durante quase cinco décadas a cidade conviveu com um grande dinamismo socioeconômico e cultural. O desenvolvimento gerado pela agropecuária, pelo comércio e pelas serrarias entrou em decadência nos anos de 1960. Em fins da década de 1990 foi anunciada a construção da Usina Hidrelétrica de Aimorés (UHE Aimorés) pelo Consórcio das empresas Vale e Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) e iniciaram-se os primeiros contatos para a realocação da cidade. A antiga Itueta teve parte do seu território submerso pelo lago e outra parte cedida para o deslocamento dos trilhos da Vale.

O projeto de licenciamento ambiental foi aprovado pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) no qual estavam

previstas várias condicionantes para remediar os impactos causados à população pelo empreendimento hidrelétrico. Entre as condicionantes estavam a construção da nova cidade de Itueta com suas casas, ruas, igrejas, espaços públicos de convívio social e a indenização dos moradores, de modo que pudessem retomar suas vidas. O processo de realocação teve início em 1996 e foi finalizado em 2005, com a demolição total da cidade e a reinstalação da sua sede nas margens da BR-259, na altura do trevo para o distrito de Quatituba e o município de Santa Rita de Ituêto (MG).

Em síntese, o processo de formação do município de Itueta é histórico e contempla, inicialmente, a ocupação de um espaço e sua configuração em território(s). Três núcleos participaram desse processo que resultou na formação de três territórios: um primeiro, formado por descendentes de germânicos; um segundo, composto por descendentes de italianos; e um terceiro, constituído por brasileiros oriundos da Zona da Mata mineira, sendo este último desarticulado pela construção da UHE Aimorés.

Nesta dissertação nos dedicamos¹ ao estudo do território-sede de Itueta, a porção do município que sofreu a realocação. Ressaltamos, então, que o nosso objeto é a compreensão da formação do território urbano de Itueta: da sua origem, a partir de 1926, com o término da sua destruição física, em 2005.

Para melhor ilustrar nosso objeto, apresentamos a seguir o mapa político de Minas Gerais com a localização geográfica de Itueta (Figura 1). Na sequência, trazemos uma representação gráfica da antiga cidade de Itueta (Figura 2).

¹ No decorrer deste trabalho a primeira pessoa do plural é usada quando se trata do diálogo com os referenciais teórico-metodológicos da pesquisa e a primeira pessoa do singular é usada quando se aborda questões subjetivas, relacionadas à minha atividade investigativa.



Figura 1: Localização geográfica de Itueta (MG)

Fonte: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/aceso> 24 de março de 2013

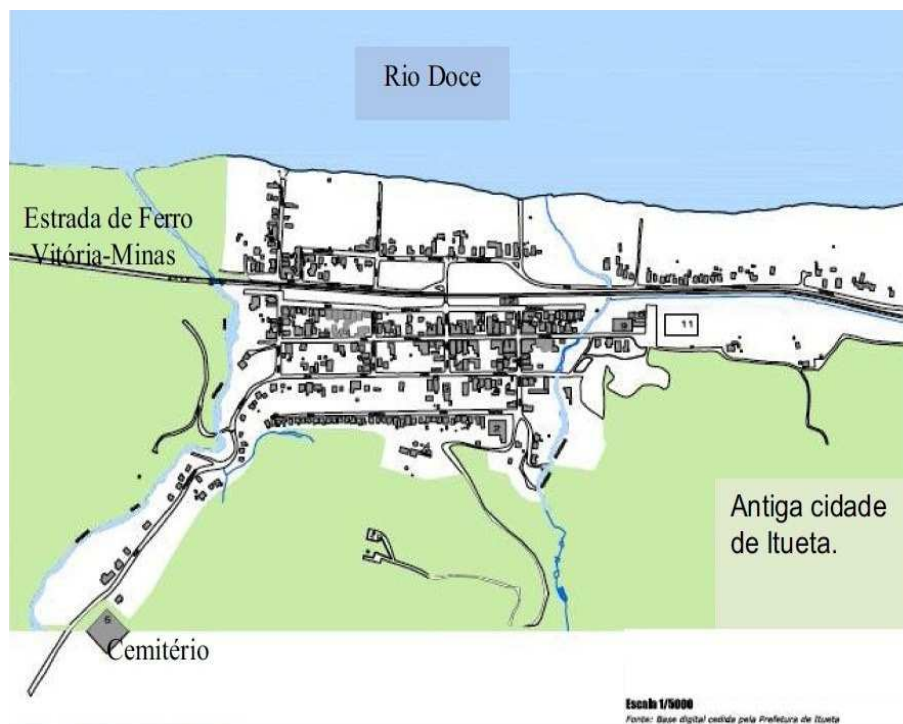


Figura 2: Antiga cidade de Itueta
Fonte: Antônio Neves (2009)

Buscamos compreender esse processo de formação histórica do território de Itueta a partir da memória dos moradores que viveram tal processo ou que, de alguma forma, tiveram contato com ele. O referencial teórico proposto considera as contribuições de autores que se alinham à vertente cultural(ista) do território (TÖNNIES, 1947; BONNEMAISON, 1996 e 2002; HAESBAERT, 2005 e 2007), privilegiando a subjetividade dos moradores que protagonizaram a história, seus comportamentos e costumes, suas formas de sociabilidade e suas experiências de vida.

Para atingir este objetivo realizamos uma pesquisa de campo no período de outubro de 2011 a julho de 2012, envolvendo doze moradores, informantes qualificados², que narraram suas histórias sobre a cidade. Entendendo que os relatos dos sujeitos que vivenciaram o processo aqui estudado são dados empíricos que dão significado e sentido a uma dada realidade, optamos por analisar esse processo tomando por base tais relatos memorialísticos, que são complementados com a utilização de fontes documentais que tratam do assunto. Assim, ouvimos dos moradores suas histórias e analisamos os sentidos e as apropriações atribuídas à Itueta, que foram importantes para fazer da cidade um território.

Este trabalho tem o propósito de contribuir com a comunidade interessada no processo de formação do Vale do Rio Doce e, especificamente, da formação de Itueta, já que há uma restrita historiografia sobre a região. Traz também a pretensão de colaborar com a população de Itueta na recuperação da sua história, além de chamar a atenção do poder público, de empreendedores do setor energético e da sociedade em geral sobre os impactos ambientais causados pela construção de usinas hidrelétricas, num momento em que esse modelo de geração de energia está em franca expansão no Brasil.

² Sujeitos com idade igual ou superior a 18 anos, que viveram na cidade antiga e que moram, atualmente, na cidade nova. Neste trabalho são utilizados os nomes reais desses sujeitos, que deram consentimento para tal procedimento.

O trabalho está organizado em cinco partes, incluindo esta introdução. No capítulo 1, abordo todo o percurso investigativo pelo território de Itueta, destacando que se trata de uma pesquisa em que seus elementos foram se apresentando durante o processo, pelo contato estabelecido entre mim e os moradores que compõem o grupo de estudo. Ressalto que a opção pela recuperação da história pela expressão da memória encontra vínculo com a perspectiva cultural(ista) de território, já que a cultura ao se encarnar no espaço o significa, o marca e o configura em território (BONNEMAISON, 2002).

Para melhor entendimento do leitor, a apresentação do processo histórico de formação do território urbano de Itueta foi organizada em dois capítulos temáticos: no capítulo 2, tratamos da origem e da articulação do território, enfatizando os diversos processos de territorialização envolvidos na ocupação do espaço, sua conjuntura de ascensão e de decadência. No capítulo 3, discutimos a desarticulação do território, em decorrência da construção da UHE Aimorés que provocou a realocação da cidade, enfocando o processo de desterritorialização da Itueta “velha”³. Nestes capítulos são trabalhados os conceitos de território e formação histórica do território.

Por fim, apresentamos as considerações finais acerca da pesquisa e sugestões para outros trabalhos, tendo em vista que a riqueza desse objeto não se esgota neste estudo.

³ Os moradores que integram o grupo de sujeitos deste estudo se referem à antiga cidade por “Itueta velha” e chamam a nova cidade, onde residem atualmente, de “nova Itueta”.

2 O PERCURSO DO PESQUISADOR PELO TERRITÓRIO/MEMÓRIA DE ITUETA

A ideia central do texto “Viagem em Torno do Território” do geógrafo tropicalista Joel Bonnemaison (2002) é de que o território se define como o derivado carnal da cultura, já que é por ela que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre cultura e espaço. Segundo o autor, o território é, ao mesmo tempo, um espaço socialmente produzido e um espaço culturalmente vivenciado. No final do artigo, Bonnemaison (*ibidem*, p.131) reafirma sua tese com a expressão “não basta viajar em torno do território; é preciso realmente invadi-lo”, sugerindo que os meandros do território sejam acessados pelas vias da abordagem cultural(ista).

Seguindo este direcionamento, neste capítulo, traço meu itinerário pelo território que me propus investigar. Minha viagem por Itueta teve início em 2004, sem qualquer propósito de culminar em uma dissertação de mestrado. No entanto, em 2010, vislumbrei a possibilidade de fazer dessa experiência um objeto de pesquisa, como estudante do Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território/Universidade Vale do Rio Doce (PPGGIT/Univale).

Conforme narro a seguir, atividades realizadas no início do curso de mestrado, em 2011, favoreceram-me no retorno a Itueta, colocando-me em contato com seus registros históricos e com alguns de seus moradores, com quem pude estabelecer um relacionamento de confiança e cordialidade. Foi dessa relação que surgiram as questões e os elementos que orientaram empiricamente meu percurso. Em outras palavras, narro uma experiência de pesquisa em que suas questões “são trazidas à baila no próprio processo de pesquisa, pelos elementos da população em estudo, com a participação do pesquisador. Aqui se estabelece uma relação sujeito-sujeito” (RICHARDSON, 1999, p.58).

Este itinerário acaba também por representar os deslocamentos que o percurso por Itueta me proporcionou. Iniciei meu itinerário tomando por bagagem minha formação em Ciências Biológicas, fundamentada num paradigma da neutralidade, da objetividade e de natureza disciplinar. Várias questões me ocorreram durante o caminho e, em função delas, fui percebendo a necessidade de fazer um rearranjo na bagagem, que foi cedendo espaço a outro paradigma, marcado pela incerteza, subjetividade e pelo diálogo entre os diferentes campos do conhecimento, proporcionado pela minha aproximação da área das Ciências Humanas e Sociais.

No que se refere à concepção de território, posso dizer que minha ideia inicial era de um espaço estritamente físico, naturalizado, e que hoje se apresenta de forma mais ampla e integrada. O espaço físico é visto como uma dimensão que passa a ganhar valor no momento em que se articula aos demais espaços sociais – político, econômico, cultural – que também compõem este território. Essa percepção multidimensional, exigente, portanto, de uma abordagem interdisciplinar, consolidou-se teoricamente durante o desenvolvimento desta pesquisa sobre Itueta, no mestrado em Gestão Integrada do Território. Em resumo, digo que o território de Itueta é para mim, por isso, partida e chegada, e esta dissertação, o itinerário.

A narrativa deste itinerário está organizada em duas partes que foram inspiradas no percurso de Bonnemaïson (2002). A primeira, chamada *Viagem em torno do território de Itueta*, enfatiza o início do deslocamento, apontando os limites da compreensão de um território a partir, apenas, da análise de uma de suas dimensões. São apresentados os primeiros contatos com o campo de estudo e a elaboração dos primeiros elementos da pesquisa. A segunda parte, denominada *A aventura de invadir o território de Itueta*, traz a pesquisa de campo propriamente dita, realçando a abordagem de território adotada neste trabalho: a cultural(ista).

2.1 VIAGEM EM TORNO DO TERRITÓRIO DE ITUETA

2.1.1 A construção do objeto

Meu primeiro contato com a história de Itueta aconteceu em maio de 2004, durante um curso de educação ambiental que ministrei no Instituto Terra, em Aimorés (MG)⁴. Uma atividade prática que constava no programa do curso era o “Jogo da Ilha da Biodiversidade”, uma vivência que possibilita a análise de problemas ambientais de origem antrópica, como desmatamento, queimada, construção de empreendimento hidrelétrico, dentre outras ações humanas capazes de gerar desequilíbrios nos ecossistemas. O protocolo da atividade previa, ao final do jogo, uma discussão acerca dos prejuízos causados à fauna e à flora.

Para minha surpresa (eu era um professor de Biologia recém-formado num curso naturalista, de base positivista), durante a discussão um professor de Aimorés apresentou para análise uma nova categoria de prejudicados, não prevista no protocolo: a sociedade, exemplificando com o drama de alguns de seus familiares na cidade vizinha de Itueta, que estava sendo realocada em função da construção da UHE Aimorés. O relato emocionado do professor incentivou a turma a expor que o problema em questão não pertencia apenas àquele professor e sua família, mas também a outros que ali estavam e que, de alguma forma, estavam tendo suas histórias perpassadas pelo que estava ocorrendo em Itueta.

Incomodado por esse episódio e movido pela curiosidade de conhecer uma cidade em processo de desaparecimento, visitei a antiga sede de Itueta em novembro de 2004, acompanhado por um grupo de alunos do Normal Superior

⁴ O curso era uma ação do Programa Meio Ambiente na Educação, do Instituto Terra, cujo objetivo é “inserir a educação ambiental no cotidiano das escolas e criar espaços de reflexão e estimular a prática interdisciplinar” (SOUZA; FREIRE, 2009, p. 22). Na ocasião, os participantes eram professores de educação básica dos municípios mineiros de Aimorés, Itueta e Resplendor, e do município capixaba de Baixo Guandu, que estavam se formando para melhor exercer este ofício.

do Centro Universitário de Caratinga (Unec), no retorno de um curso de educação ambiental que os levei para fazer no Instituto Terra. O que vislumbramos ao chegarmos foi uma cidade já desabitada, com poucas construções ainda erguidas, em etapa final de destruição. A visita foi meu primeiro contato com o território que mais tarde ajudaria a compor o objeto de uma pesquisa que eu ainda não idealizava desenvolver.

Esse episódio me impactou de tal forma que me fez pensar sobre os limites da concepção de ambiente que eu possuía o que me motivou a buscar outra concepção, sustentada num paradigma mais integrador, holístico. Logo, comecei a estudar a questão numa perspectiva que valorizasse o natural do ambiente a partir das suas relações com as complexas dimensões da sociedade. Nesse sentido, foi na vertente crítica da Educação Ambiental que encontrei meus primeiros referenciais⁵.

O meu envolvimento como docente de cursos de formação de professores e de gestores ambientais permitiu-me ricos debates e estudos a respeito dessa temática a partir de um enfoque interdisciplinar, o que contribui sobremaneira para minha formação de educador. Interessado em um investimento maior na minha formação, no primeiro semestre de 2010 matriculei-me no curso de Atualização em Elaboração de Projetos de Dissertação e Pesquisa e no segundo semestre cursei a disciplina isolada Território e Poder, ambos ofertados pelo PPGGIT/Univale. As interlocuções estabelecidas com o grupo participante desses cursos me ajudaram a perceber, na minha trajetória, um provável objeto para a pesquisa no mestrado: o território de Itueta.

Decidido a me adentrar pelos territórios que eu estava contornando – o do mestrado e o de Itueta – para conhecer seus meandros, durante o mês de janeiro de 2011, preparei o pré-projeto e me inscrevi para a seleção de

⁵ Os teóricos da vertente crítica têm uma visão de que o ambiente é o lugar onde suas dimensões naturais e sociais estão em relação dinâmica e em constante interação. Defendem que essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade.

estudantes do curso regular do PPGGIT/Univale. O título do trabalho era “Da velha à nova Itueta: na memória as lições socioambientais do vivido” e intencionava investigar os saberes produzidos pelos moradores de Itueta no contexto da realocação da cidade, buscando compreender seus impactos no processo de constituição desses sujeitos.

No primeiro semestre letivo de 2011, minha primeira atividade orientada para a pesquisa foi a preparação de um levantamento bibliográfico e de fontes sobre o território de Itueta, com o intuito de verificar a viabilidade do estudo. Essa atividade confirmou a viabilidade, mas me colocou a necessidade de delimitar o objeto de forma diferente da apresentada no pré-projeto, já que não seria possível compreender os impactos da realocação sobre os moradores da cidade sem conhecer o modo como eles viviam antes de participarem desse processo. Outra observação ressaltada foi a de que o território físico da Itueta velha foi totalmente demolido pelo Consórcio empreendedor e que meu acesso a ele só poderia acontecer através da memória dos seus moradores, que o conservam na condição de território simbólico. Assim, mudei o foco da pesquisa e o objeto passou a apresentar a seguinte delimitação: o processo de formação, articulação e desarticulação do território de Itueta a partir da memória de seus moradores entre 1926-2005.

2.1.2 A formulação do problema.

Ainda neste primeiro semestre de 2011, cursei a disciplina obrigatória Estudos Territoriais. O curso me permitiu aprofundar no trabalho de conceitos específicos da área dos estudos dos territórios, iniciado na disciplina isolada Território e Poder, que cursei no semestre anterior. Tratou de diferentes conceitos e perspectivas de território e territorialidade, da formação histórica do território e dos diversos processos de territorialização e enfatizou a importância da interdisciplinaridade para a compreensão das relações entre história, sociedade, cultura e território. Como eu tendia para a abordagem cultural(ista) do território, as leituras dos autores vinculados a essa perspectiva foram as que mais me interessaram. Para mim, o ponto alto da disciplina foi a aula de campo

realizada em Itueta⁶, pois representou meu primeiro contato com o campo da pesquisa, após sua definição.

Esta aula teve o propósito de nos “iniciar” nos estudos de territórios, estimulando-nos a perceber seus diferentes elementos e suas contingências. O roteiro do trabalho contou com as seguintes atividades: visita à Itueta velha, guiada por um morador; um passeio de balsa atravessando o Rio Doce, saindo da antiga sede em direção à parte norte do município; visita à Vila de Quatituba, na parte sul, para uma roda de memórias com seis moradores; e visita à nova Itueta, para a realização de uma segunda roda de memórias – composta por quatro homens e quatro mulheres, em separado, para coleta de diferentes perspectivas sobre a história da cidade⁷.

Dentre as atividades, a que mais me chamou a atenção foi a segunda roda de memórias, realizada na nova Itueta. Como exposto anteriormente, em nova Itueta, foram realizadas duas rodas simultâneas, organizadas a partir do gênero. Quatro homens moradores da nova cidade (e moradores da cidade velha)⁸ se reuniram com os mestrados e quatro mulheres moradoras da nova cidade (e moradoras da cidade velha) se reuniram com as mestradas, para narrarem suas histórias vividas em Itueta. Da roda dos homens participaram os seguintes moradores: senhor Rúdio Pieper, ex-prefeito de Itueta que nos guiou na visita à Itueta velha; senhor Paulo Venturim, ex-vereador e membro da Associação de Moradores de Itueta (AMI) responsável pela negociação com o Consórcio hidrelétrico; senhor Evaristo de Castro, ex-vice-prefeito no período da instalação da nova sede e, também, membro da associação de moradores; e o senhor Jaci dos Reis, pescador.

⁶ A aula aconteceu no dia 11 de junho de 2011 e agregou os alunos matriculados na disciplina, que foram acompanhados pelos professores Dr. Haruf Salmen Espíndola e Dra. Patrícia Falco Genovez. O trabalho foi agendado previamente com os moradores de Itueta.

⁷ Aqui cabe um esclarecimento. Embora a aula contasse com um planejamento, nossa participação nas diversas atividades não foi previsível, já que a maneira como ela foi estruturada não nos permitiu definir previamente as questões. Desse modo, nossas perguntas foram elaboradas a partir do contato com os moradores envolvidos no trabalho, baseando-se em nossas vivências e nas discussões teóricas já feitas em sala de aula.

⁸ Moradores da cidade velha: de acordo com os relatos, Itueta permanece presente na memória enquanto território simbólico.

Os homens relataram suas histórias, vividas na velha e na nova cidade. Os relatos transmitiram seus sentimentos com relação à transferência da sede, o momento histórico enfatizado nas suas narrativas. Pude perceber que nenhum deles estava satisfeito com a mudança e não manifestava sentimento de identificação com a nova cidade. O não pertencimento à nova Itueta era evidente no relato de todos eles. Os sonhos haviam se perdido e, em algumas narrativas, parece que a alegria e o sentido de viver havia abandonado a vida dos moradores⁹.

Para eles, a Itueta velha é insubstituível, pois lá estavam suas alegrias, seus relacionamentos, suas festividades, enfim, tudo de positivo que construíram durante a vida. Ficou evidente que da antiga cidade só restam boas lembranças, inesquecíveis para todos, e o antigo cemitério, único lugar materialmente preservado, que reserva aos moradores da nova cidade a oportunidade de recuperarem a morada perdida com a transferência.

Com base nesses relatos memorialísticos, várias questões me ocorreram: como as pessoas chegaram e se estabeleceram em Itueta? Como se apropriaram e significaram o espaço que ganhou contornos de território? Como se deu a formação de Itueta: da sua origem ao seu desaparecimento? Foi considerando essas questões levantadas, durante o contato com o campo e outros conhecimentos já adquiridos, que elaborei o seguinte problema de pesquisa: Como se deu a formação, articulação e desarticulação do território de Itueta entre os anos de 1926 a 2005? E, de maneira secundária e complementar, como esse processo é expresso na memória de seus moradores?

Formulado o problema, parti para a elaboração dos objetivos do estudo. São eles: Objetivo geral: Compreender a formação histórica do território de Itueta entre 1926-2005. E, de maneira secundária e complementar, como esse processo é expresso na memória de seus moradores. Objetivos específicos:

⁹ É constante nos relatos a seguinte expressão “estou aqui à espera da morte”, o que indica a perda do sentido da vida.

Descrever os diversos processos de territorialização envolvidos na ocupação do espaço de Itueta; Apresentar os exercícios de poder tecidos no cotidiano pelos diversos grupos que compõem o território de Itueta; Destacar o processo de desterritorialização em função da construção da UHE Aimorés.

2.2 A AVENTURA DE INVADIR O TERRITÓRIO DE ITUETA

2.2.1 O desenho do percurso metodológico.

Encerrada a roda, procurei individualmente o senhor Paulo Venturim, 67 anos, falei rapidamente sobre minha proposta de pesquisa e manifestei o interesse de entrevistá-lo. A escolha pelo senhor Paulo se deve a vários motivos. Durante a fase exploratória ele apareceu como um dos memorialistas de Itueta em diversos materiais levantados. Além disso, ele nos acompanhou em todas as atividades da aula de campo, demonstrando interesse e profundo conhecimento do lugar, do seu processo histórico e das pessoas que vivem na cidade, por esta razão o escolhemos para ser o primeiro informante.

Em setembro de 2011, fiz contato telefônico com o senhor Paulo, solicitando o agendamento da entrevista. O encontro foi marcado para o dia 04 de outubro, às 10h30, na residência dele. Repetindo o método adotado na roda de memórias, esta entrevista também não teve uma estrutura rígida, de questões previamente definidas. Inicialmente propus a questão “Conte-me sobre a história de Itueta”, com o intuito de evocar a memória do informante. Ao longo da sua narrativa, propus algumas poucas questões, visando minha melhor compreensão do assunto. Ao finalizar seu relato, solicitei a indicação de outro(s) morador(es) que também pudesse(m) relatar a história da cidade, para

eu entrevistar. Nossa conversa durou quase duas horas e foi gravada na íntegra em fitas de áudio¹⁰.

Após a entrevista, o senhor Paulo me ofereceu um almoço. Junto vieram novas narrativas¹¹, agora enriquecidas por fotografias e vídeos que revelavam a sua vida na cidade de Itueta¹². Ao apresentar as imagens, o senhor Paulo ia relatando com detalhes os locais que costumava frequentar na cidade antiga, o drama de ver o lugar onde viveu a vida inteira ser destruído na sua presença, e a tentativa de reproduzir o carnaval da velha na nova cidade, em 2007. Fiquei na casa do senhor Paulo por cinco horas, despedindo-me às 15h30, quando retornei para Governador Valadares.

O relato colhido neste dia foi transcrito posteriormente, configurando-se em fonte de pesquisa, “uma fonte oral” (SILVEIRA, 2007, p.3). As categorias empíricas foram definidas a partir da análise preliminar deste material e adotadas no processo de coleta das demais narrativas. Esta escolha se justifica pela forma como o relato foi proferido, por conter uma estrutura organizada, bem articulada e com uma sequência significativa de eventos (RAPPORT e OVERING, 2001). Assim, os principais pontos destacados na entrevista do senhor Paulo e que delinearam as categorias foram: a origem e a articulação; a ascensão e a decadência; e a desarticulação do território de Itueta.

A leitura de Lucília Delgado (2005) me sugeriu a História Oral como possibilidade metodológica para a coleta de dados e o trabalho de Éder Silveira (2007) me trouxe a possibilidade de analisar as narrativas coletadas a partir da perspectiva do narrador que viveu a história, considerando que a história é uma produção discursiva e não necessariamente um fato. Na ocasião da entrevista com o senhor Paulo, eu já tinha feito a opção da história oral como o método do estudo.

¹⁰ A gravação foi autorizada pelo “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”.

¹¹ Registradas no caderno de campo, junto às minhas percepções sobre o encontro.

¹² Estes materiais foram cedidos pelo informante, para a composição do meu banco de dados.

Na análise preliminar da narrativa do senhor Paulo também foi observado que dentre os nomes apresentados por ele apareceram os dos senhores Evaristo Carvalho e Rúdio Pieper. Assim como o nome do senhor Paulo, os nomes dos dois já haviam figurado no levantamento de fontes e eu já havia tido um contato pessoal com eles, durante a roda de memórias, realizada na aula de campo. Outro nome colocado foi o da dona Rute Tavares, proprietária do cartório, que também participou da roda de memórias, do grupo feminino. Todas essas pessoas compõem um grupo político do município e foram eles os que estiveram na diretoria da AMI, no contexto da transferência da cidade e, após a realocação, assumiram o comando do Governo Municipal. Desse modo, constatou-se como limite do estudo o fato de que as pessoas acessadas são “aquelas mais visíveis na população” (ALBUQUERQUE, 2009, p.22). Com o objetivo de também trazer à visibilidade os moradores anônimos, busquei outro entrevistado que não possuísse vínculo direto com esse grupo, para compor um segundo grupo de entrevistados. A pessoa definida foi dona Maria da Penha dos Reis, uma doceira que na cidade antiga vendia cocadas na Estação Ferroviária, e que também participou da roda de memória das mulheres. Tomada essa decisão, realizei outras onze entrevistas entre janeiro e julho de 2012.

No dia 05 de janeiro realizei duas entrevistas. A primeira foi com a dona Maria da Penha dos Reis, 62 anos, e a segunda foi com a dona Rosa Venturim, 65 anos, irmã do senhor Paulo. Na parte da manhã conversei com a dona Penha, na casa dela. Havia ligado antes, marcando o encontro. Ao chegar, encontrei-a na cozinha, preparando um suco de manga. Retomei a apresentação dos objetivos do estudo e pedi autorização para que a entrevista fosse gravada. Foi um relato emocionado, marcado pela dor das mudanças no seu cotidiano, provocada pela transferência. De acordo com a informante, toda sua família foi impactada pelo acontecimento e quem mais sofre é o seu marido Jaci, que vivia da pesca de peixes. Ela rememorou seus tempos na Estação de Trem, os passeios na praça e a vida em comunidade que levava e que hoje se perdeu. Pedi para conversar com seu marido, que havia conhecido por ocasião

da roda de memórias, mas ele estava no seu “puxadinho”, construído na beira do Rio Doce, onde costuma passar o dia. Na parte da tarde entrevistei dona Rosa.

Conheci dona Rosa por ocasião do seminário “Museu, memória e cidadania”, organizado pelo “Núcleo Cidade do Futuro” em maio de 2011, em Valadares. Encontramo-nos em Itueta no dia da aula de campo, em junho de 2011. Dona Rosa é uma professora aposentada, neta de italianos que vieram para o Brasil e se estabeleceram em Itueta. Como gosta de dizer, nasceu junto com a cidade, em 1947, no contexto da emancipação. Participou da AMI e foi a primeira secretária municipal de educação da nova Itueta, no período de 2005-2008. Foi um relato rico em detalhes. Depois da entrevista, a família me ofereceu um café.

Retornei a Itueta no dia 12 de janeiro para uma entrevista com o senhor Evaristo de Castro. O senhor Evaristo, 62 anos, é neto do coronel Osório, um dos desbravadores da cidade e sobrinho do senhor Antônio Barbosa de Castro, que liderou o movimento de emancipação de Itueta e foi o primeiro prefeito eleito da cidade. Narrou com detalhes a história, sob um viés político, ao contrário das narrativas anteriores, que privilegiaram os aspectos socioculturais. Contou detalhes sobre os bastidores do processo de realocação, destacando o trabalho da AMI, presidida pela dona Rute, que contou com ele como importante articulador. Almocei na residência dele e, após, procurei dona Rute, na residência dela, para convidá-la a participar do estudo. Ela pediu que eu retornasse em uma hora e, após esse tempo, a entrevista foi concedida. Dona Rute, 48 anos, é de uma família tradicional da cidade, sendo sua avó a primeira professora formada de Itueta, que dá nome à escola. Realçou em sua entrevista o trabalho da associação nas negociações com o consórcio, numa narrativa complementar à concedida pelo senhor Evaristo. Sugeriu que eu procurasse conversar com os mais jovens da cidade, já que eles poderiam me oferecer outra perspectiva da história.

Desses cinco primeiros entrevistados, com exceção de dona Penha, que não pertence ao grupo, todos fizeram indicações entre si.

No dia 11 de junho, entrevistei o Vitor, 21 anos, sobrinho da dona Rute. Na ocasião da entrevista o jovem estava concluindo o curso de Direito em Colatina (ES) e ocupava o cargo de secretário municipal de cultura de Itueta. A entrevista aconteceu no Centro Cultural, seu local de trabalho. O entrevistado destaca as mudanças ocorridas com a transferência sobre o cotidiano da juventude e sugere uma entrevista com sua amiga Estéfane. Ele mediou nosso contato e eu a procurei para me apresentar neste mesmo dia, comparecendo à sede da ONG Rede Vidas, local onde ela trabalha e a entrevista aconteceu no dia 29 de junho. A jovem de 20 anos, estudante de Administração, participou do documentário “Estação Itueta”, produzido pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), entre 2008-2009. Contou-me que sua família é de Tumiritinga (MG) e veio ainda bebê para Itueta, pois seu irmão havia sido aprovado em um concurso da Cemig, para exercer o ofício na região de Aimorés (MG). Ela relata sua infância na cidade velha, informando que era na sua casa que acontecia a venda das passagens do trem da Vale. Fala sobre o que aprendeu na escola sobre a história da cidade, sobre seu trabalho na ONG e suas percepções sobre a realocação de Itueta. A entrevista aconteceu no horário de almoço da informante, no Centro Cultural da cidade.

Neste dia também entrevistei dona Natalina, 58 anos, tia do Vitor e serviçal do Centro Cultural. Embora não tivesse sido indicada, conversamos informalmente e percebi que ela poderia acrescentar informações novas à pesquisa. Ela é descendente de pomeranos e antes da realocação morava na parte norte do município, mas convivia frequentemente com moradores da sede. Conta que toda sua família se mudou para o estado de Rondônia, na segunda metade do século passado, mas que ela permaneceu no município, pois havia se casado. Tem uma visão positiva da transferência, já que diz que não gostava muito da cidade antiga. Trabalhadora rural, no Centro Cultural cultivava uma horta que serve às escolas do município.

Ainda no dia 29, conversei com outra amiga do Vitor e da Estéfane, a Laís, 19 anos, também no Centro Cultural. Recordo que Laís se atrasou para o início da entrevista e o Vitor pediu meu telefone para ligar para ela e disse “corre, que o repórter já está te esperando”, mesmo estando ciente de que se tratava de uma pesquisa de mestrado. A narrativa da informante traz informações parecidas com as apresentadas nas narrativas dos amigos. Apareceu também outro amigo do Vitor, mas que dispensei por ser menor de idade. Destaco que esta disponibilidade das pessoas em contribuir com a pesquisa foi recorrente em todo o trabalho de campo.

No dia 10 de julho entrevistei dona Matilde Janute, a doceira indicada pela dona Penha. A entrevista caminhou no mesmo sentido seguido pela dona Penha. Dona Matilde é moradora do conjunto das casas sociais e está insatisfeita com a mudança. Na parte da tarde conversei também com o senhor Paulo Amaral, gari da Prefeitura e afilhado do senhor Paulo. Seus avós participaram da origem da cidade e trabalharam para o coronel Osório.

O último entrevistado foi o senhor Rúdio Pieper, 71 anos, no dia 20 de julho de 2012, no horário do almoço, na sua residência. Na ocasião, o informante estava participando do processo eleitoral municipal na condição de vice-prefeito. Descendente de colonos pomeranos, é de família tradicional da cidade. Nascido no norte do município veio para cidade em 1977 para exercer o cargo de prefeito municipal. Sua narrativa destaca o processo de desenvolvimento sociocultural de Itueta e fala sobre seu trabalho enquanto prefeito, apresentando suas intenções para o futuro, caso sua chapa vencesse as eleições de 2012. Participou ativamente do processo de negociação com o consórcio e, assim como os demais moradores entrevistados, sente saudades da “nossa Ituetinha velha [que] era muita gostosa”.

Este capítulo tratou de forma detalhada o percurso pelo campo, pois foi através dessa possibilidade de entrar nas casas, tomar café, ouvir as lamentações e a saudade encravada na memória desses atores sociais que o meu itinerário investigativo pelo território de Itueta foi construído. Assim, o território passa a

ser um espaço de comunhão com um conjunto de signos e valores e a ideia de território fica, então, associada à noção de conservação cultural (Bonnemaison, 2002).

3 A ARTICULAÇÃO DO TERRITÓRIO DE ITUETA

*Itueta era o lugar
Onde nos fomos morar
Pra ganhar nosso sustento
E aquele povo ordeiro
Fraterno e hospitaleiro
Nos alegrava os momentos¹³*

Neste capítulo apresentamos a reconstituição histórica da fundação do território de Itueta e do seu processo de desenvolvimento. A narrativa descrita aqui toma por base os relatos memorialísticos dos moradores da cidade que integram o grupo de sujeitos deste estudo e se complementa com a utilização de fontes documentais que tratam do tema. Trabalhamos com alguns autores centrais que nos servem de bússola, muito embora não haja um uso rígido dos seus conceitos. Dentre esses autores destacamos os geógrafos Joel Bonnemaizon (1996 e 2002) e Rogério Haesbaert (2005 e 2007) e o sociólogo Ferdinand Tönnies (1947) que se alinham à abordagem cultural(ista) de território.

Inicialmente, abordamos a chegada de descendentes de germânicos (alemães e pomeranos) e italianos à região, seu associado processo de ocupação do espaço e sua configuração em territórios. Após, tratamos da formação do território urbano de Itueta, iniciada com a chegada de brasileiros procedentes da Zona da Mata mineira, enfatizando os efeitos territoriais advindos da relação estabelecida entre este território e os territórios dos descendentes de imigrantes europeus. Por fim, detalhamos o contexto da ascensão à decadência do território urbano de Itueta.

¹³ Trecho da composição “Fragmentos de Saudades – 1º Tempo” de Paulo Venturim (2006).

3.1 A FORMAÇÃO DOS PRIMEIROS TERRITÓRIOS DO MUNICÍPIO

A origem do município de Itueta está relacionada aos deslocamentos populacionais de alemães, pomeranos e italianos para o Brasil em busca de melhores condições de vida e trabalho, ocorridos entre o final do século XIX e o início do século XX (TRENTO, 1989; BASSANEZI, 1995; FRANÇA, 2009). Neste período, o país recebeu um grande número de imigrantes europeus que esperavam encontrar aqui o *Eldorado*. Essa imagem positiva foi construída, especialmente, por meio de contatos entre os que haviam migrado primeiro e se estabelecido e os seus familiares e amigos que ainda permaneciam nos países de origem, além de políticas de incentivo à vinda de imigrantes, promovidas pelo governo brasileiro¹⁴.

A partir de 1870, o governo brasileiro adotou políticas de incentivos mais atraentes, como o pagamento das despesas de viagem, o acesso a terras por meio de colônias rurais e estímulo às atividades urbanas. Propagou que aqui a terra era abundante, a população escassa e que havia muita oportunidade de trabalho (FRANÇA, 2009).

França (2009) aponta que essas políticas soaram bem nos países europeus que enfrentavam a turbulência social decorrente dos movimentos operários e das guerras de unificação, crises agrícolas de abastecimento e escassez de terra para o plantio, entre outros problemas que comprometiam a economia nacional. De acordo com a autora, todos esses problemas motivaram a migração dentro dos próprios países vindo a ocorrer, primeiro, do campo para a cidade e, depois, da cidade para o Brasil:

¹⁴ O governo tinha um projeto de nação e o incentivo à migração visava não só o povoamento do país, mas também a formação de um fenótipo brasileiro branco. O projeto também previa a integração cultural, onde os da terra deveriam disseminar o uso da língua portuguesa e os imigrantes disseminariam o “refinado” comportamento europeu (FRANÇA, 2009).

O primeiro passo ocorria do campo para a cidade, onde os migrantes eram submetidos a péssimas condições de vida, longas jornadas de trabalho, baixos salários, moradias precárias. As doenças proliferavam, sobretudo tuberculose, asma, deformações na coluna, envenenamento ou intoxicação pelo contato com metais pesados, doenças relacionadas à desnutrição. O segundo movimento era a travessia do Atlântico, acalentando o sonho de possuir um pedaço de terra (FRANÇA, 2009, p.64).

Bassanezi (1995) também considera a crise desses países como principal razão da emigração para o Brasil. Destaca que o contexto de crise econômica e política da Europa, somado às propagandas de colonização que apontavam para uma vida melhor do outro lado do oceano serviram de incentivo para milhares de europeus abandonarem sua terra natal, desde o início do século XIX, e que foi somente a partir de meados da década de 1870, sobretudo após a abolição da escravatura, que essa migração para o Brasil ganhou força. A autora realça que a grande onda migratória ocorreu entre 1870 e 1914, sendo interrompida nos anos da I Guerra (1914-1918). Foi retomada logo após seu fim, mantendo-se até o início da década de 1930. Depois da II Guerra, o movimento foi menor, mas permaneceu até os anos 60, quando as políticas de incentivo à imigração tiveram seu fim.

Senhor Rúdio Piper refere-se a esse contexto quando descreve a vinda da sua família para o Brasil. De acordo com o ituetense de descendência germânica, seu bisavô migrou com a família para escapar da crise que afetava o país. Na Europa, seus antepassados moravam na zona rural e viviam do trabalho do campo, sobretudo do cultivo de milho:

[...] a Alemanha naquela época entrou em crise. A Pomerânia eu não sei contar toda a história, mas sei que houve lá uma crise como a que houve no Brasil [recentemente], só que maior ainda. Quem quisesse comprar barato tinha que comprar de manhã, pois de tarde era outro preço. [...] e aí acho que houve uma negociação com o governo de imigrar um bocado [da sua população] para o Brasil, que era terra nova. E aí o povo veio para aqui, naquela época (Rúdio Pieper, 71 anos).

No Brasil, grande parte dos imigrantes foi canalizada para os projetos de colonização no sul e no sudeste do país, particularmente em São Paulo, em

função das fazendas de café. Outra parte foi direcionada para Minas Gerais e Espírito Santo. A maioria dos imigrantes direcionados a Minas era camponesa e os que vieram para o leste do estado visavam seu povoamento e colonização. Também trabalharam na construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas (TRENTO, 1989; BASSANEZI, 1995; FRANÇA, 2009).

Conforme mencionamos anteriormente, o município de Itueta está localizado no Médio Rio Doce, próximo à divisa dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Seus primeiros colonizadores eram descendentes de germânicos e de italianos vindos do Espírito Santo, a partir da I Guerra Mundial¹⁵¹⁶. A parte norte da região onde se encontra o município, à esquerda do Rio Doce, foi o destino dos descendentes de germânicos. Já os italianos se fixaram na parte sul, à direita do rio, nas cabeceiras do Córrego Quatis. Cada grupo trouxe consigo suas práticas de uso e ocupação do solo, seus valores e costumes, suas manifestações culturais e religiosas, que ajudaram a configurar o novo território e a manter na memória as lembranças da vida na Europa. Fixados a uma distância de cerca de trinta quilômetros um do outro, esses territórios se desenvolveram estabelecendo poucas relações entre si. Mais tarde, deram origem a dois distritos do novo município: Vila Neitzel, “território germânico”, e Vila de Quatituba, “território italiano”. Ambos contribuíram significativamente para o desenvolvimento de Itueta.

Nessa perspectiva, o município de Itueta teve início com o “processo de domínio (político-econômico) e de apropriação (simbólico-cultural) do espaço pelos grupos humanos” (HAESBAERT, 2007, p. 16). Ao chegar à região, cada grupo dispôs de “recursos básicos” para territorializar-se: expectativas de uma

¹⁵ Há registro de que Fernandes Tourinho foi o primeiro a desbravar a região onde se encontra o município, em 1572. Entretanto, a colonização efetiva foi retardada até o início do século XX, devido a obstáculos existentes, como mata muito densa e a presença dos botocudos, que se opunham a entrada dos “homens brancos” na região. (STEAINS, 1888). Segundo Espíndola (2005), havia também interesses da coroa de proteger as riquezas naturais que imaginavam possuir a região, como ouro e pedras preciosas.

¹⁶ De acordo com Bassanezi (1995, p.31) os imigrantes que chegaram posteriormente, em função dos acontecimentos que envolveram a Europa no século XX (guerras mundiais, expansão e declínio do nazismo), tenderam a localizar-se nas áreas onde já haviam se estabelecido seus conterrâneos no passado.

vida melhor, estratégias para tomar a posse e controlar o espaço e o desejo de reproduzir no novo local práticas trazidas do território de origem.

3.2 A FORMAÇÃO DE UM TERCEIRO TERRITÓRIO: A CIDADE

O núcleo que deu origem ao território-sede de Itueta, porém, se formou, mais tarde, em um espaço localizado entre os dois territórios iniciais. De acordo com os relatos orais e com o registro memorialístico deixado pelo primeiro prefeito municipal, Antônio Barbosa de Castro (2001)¹⁷, que também era filho de um dos desbravadores de Itueta, em 1926, seu pai, o coronel Osório Barbosa de Castro e Silva, e um amigo e sócio dele, o senhor José Ferreira de Motta, chegaram à região, vindos de Palmas, pequeno município localizado na Zona da Mata mineira. Ambos adquiriram 200 alqueires de terra, nas margens do Rio Doce e no entorno da Estrada de Ferro Vitória-Minas, onde construíram a “Fazenda Barra dos Quatis”. O coronel Osório chegou com o intuito de cultivar café, criar gado e explorar as madeiras que a região dispunha. Conforme a narrativa do seu neto, senhor Evaristo Castro, naquele mesmo ano vieram os operários para trabalhar na construção da sede da fazenda e de outras casas ao redor. Vieram também os colonos para as atividades agrícolas, além dos seus dependentes. Com a formação do núcleo, chegaram outras famílias, que prestaram outros tipos de serviços.

Aos poucos, a região foi ganhando destaque pela produção de café, milho e extração de madeira. Esses produtos serviam para o consumo da população e para a comercialização no mercado exportador. A fatura de madeira de lei inaugurou um importante ciclo econômico, responsável pela atração de uma serraria do Rio de Janeiro e outra de Belo Horizonte, que se instalaram próximas à serraria local. Sobre esse momento, senhor Evaristo Castro, considera que uma das maiores conquistas do seu avô

¹⁷ O primeiro prefeito é autor do livro “Itueta: retrato de uma época”, publicado em 2001.

[...] foi o estabelecimento de uma estação para que houvesse uma parada de trem aqui, para que fosse possível escoar a produção, tanto de madeira, quanto de produtos agrícolas da região. Com a estação, ai houve o interesse de Santa Rita de Ituêto, que está a mais ou menos trinta e seis quilômetros daqui. Houve a abertura de estradas para cá, tudo feito em conjunto, com muito esforço, na base do trator, enxadão, tudo particular, porque o governo quase que não se metia aqui (Evaristo Castro, 62 anos).

A Estação foi construída em 1927, no quilômetro 230 da Estrada de Ferro Vitória-Minas, depois de uma manobra política do coronel Osório e do seu filho, Antônio Barbosa de Castro, que solicitaram a construção através de uma carta enviada ao presidente Arthur Bernardes. Com a efervescência gerada pela circulação de pessoas que vinham escoar seus produtos nesse local – sobretudo os descendentes de imigrantes europeus que viviam de atividades agropecuárias – o coronel Osório deu início, em 1929, à construção de um armazém, casa comercial, casas de moradia, farmácia, escola e igreja, seguindo um croqui feito pelo engenheiro Breno de Moraes Mesquita, além de tomar providências para a construção de rodovias vicinais ligando Itueta a diversos locais de produção agrícola e de extração da madeira, que se revelavam como fontes de riqueza (CASTRO, 2001).

Com tamanho desenvolvimento, Itueta passou a ser distrito de Resplendor em 1938, através do decreto-lei nº 148, de 17 de dezembro de 1938. Em 1947, foi organizada a Comissão Pró-Emancipação de Itueta, que envolveu seu presidente, o senhor Antônio Barbosa de Castro, e outras trinta e duas lideranças locais. No ano seguinte foi concedida a autonomia político-administrativa do município, pela lei nº 336, de 27 de dezembro de 1948, sendo o presidente da comissão o primeiro prefeito, eleito em 1949. O município criado passou a contar com dois distritos: Itueta (território-sede, cidade) e Quatituba (território de descendentes de italianos) (CASTRO, 2001).

A chegada da Estação e, posteriormente, das serrarias, alavancaram o desenvolvimento da sede do município em detrimento do desenvolvimento dos outros dois núcleos populacionais, que se estabeleceram primeiro no município, fato que mudou o status do núcleo de brasileiros de outsider para

estabelecido, consolidando com a definição como distrito sede, em 1938, e posteriormente em município, em 1948¹⁸.

Em resumo, o município de Itueta formou-se a partir de três núcleos, que deram origem a três territórios: a Vila Neitzel - território dos descendentes de germânicos (alemães e pomeranos), fixado no norte do município; a Vila de Quatituba – território dos descendentes de italianos, estabelecido no sul; e o território-sede – constituído por brasileiros oriundos da Zona da Mata mineira e por “acolhidos” dos dois territórios de descendentes de imigrantes, a partir da construção da Estação de Itueta. Dessa forma, a análise deste processo de colonização nos revela que o município de Itueta se constituiu em um território plural, composto por vários territórios¹⁹.

Aqui, o território de Itueta “pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem cultural” (HAESBAERT, 2009, p. 79). Nesse contexto, Saquet (2010) complementa a noção de território:

são vividos, percebidos e compreendidos de formas distintas; são substantivados por relações. Homogeneidades e heterogeneidades, integração e conflito, localização e movimento, identidades, línguas, religiões, mercadorias, instituições, natureza exterior ao homem; por diversidade e unidade; imaterialidade (SAQUET, 2010, p. 25).

O cenário apresentado retrata processos de desarticulação de territórios (desterritorialização) e sua articulação em novos espaços (reterritorialização). Itueta se formou através de um processo de des-re-territorialização, cujos atores são colonizadores descendentes de europeus e brasileiros da Zona da Mata mineira que vieram para a região com expectativas de uma vida melhor.

¹⁸ Elias e Scotson (2000) em estudo etnográfico na cidade inglesa Winston Parva (nome fictício) observam que os grupos de moradores se organizam e se diferenciam a partir do princípio da antiguidade: os primeiros habitantes se consideram “estabelecidos” e os forasteiros “outsiders”. A posição de prestígio é ocupada pelos estabelecidos.

¹⁹ Para o antropólogo colombiano Zambrano (2001), os “territórios plurais” se manifestam como reunião de vários territórios. Permitem perceber, em cada unidade do múltiplo, a pluralidade de percepções territoriais estruturadas e estruturantes.

No deslocamento do território de origem para o local onde se constituiu Itueta, os colonizadores trouxeram consigo todo um modo de ser (territorialidades) que conferiram ao novo espaço contornos de território. Deste ponto de vista, “a desterritorialização como processo distinto, dissociado da territorialização, não existe” (DELEUZE; GUATTARI *apud* HAESBAERT, 2007, p.365).

Isso porque segundo Haesbaert (2007) o homem não pode viver sem território, a sociedade não pode existir sem territorialidade, pois o movimento de destruição de territórios implica, necessariamente, sua reconstrução em novas bases. Assim, para o autor, a noção de desterritorialização seria um mito. Ainda, segundo o autor, a compreensão de um território exigiria do pesquisador uma abordagem relacional do seu processo de formação histórica, que integre tempo e espaço, sociedade e natureza, material e simbólico, global e local, estabilidade e movimento, que considere a imanência do território à existência humana (*ibidem*, 2007).

Nessa perspectiva relacional, Bonnemaïson (2002) afirma que a ideia de cultura não pode ser separada da ideia de território. Para o autor, é pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre cultura e espaço. Assim, a cultura se encarna no espaço em uma forma de territorialidade e o contorna com traços de território (*ibidem*, 2002).

O processo de colonização de Itueta não pode ser compreendido sem uma referência ao universo cultural dos seus colonizadores trazido dos seus territórios de origem sob a forma de territorialidades. Cada grupo de colonizadores, ao se organizar em núcleos populacionais, tentou reproduzir em Itueta seu território de origem. Os núcleos de imigrantes, por exemplo, reproduziram as condições de vida da Europa do século XIX, vida tipicamente rural, e esse modo de vida acabou se transformando em tradição cultural. Ainda hoje, a maioria da população é composta por pescadores, pequenos agricultores e extrativistas. Dessa forma, articulando-se à tese do mito da desterritorialização de Haesbaert (2007) poderíamos dizer que “cada diáspora

pode ser interpretada como uma tentativa de reconstruir o território perdido” (BONNEMAISON, 2002, p.113).

Joel Bonnemaïson (2002, p.115) assim nos fala sobre as diásporas chinesas, dispersas na Oceania e em outros lugares, e por este exemplo, podemos entender melhor o que aconteceu em Itueta:

A cultura e a coesão que elas conservam aparecem quando elas constituem novos territórios, que surgem como outros pedaços da China em exílio. Os chineses se reagrupam em bairros que organizam segundo seus modelos sociais e culturais, conservando neles uma forte coesão (por exemplo, os bairros chineses de Vancouver e São Francisco). A esperança de retorno ao país, muitas vezes impossível por razões políticas, torna-se menos dolorosa, uma vez que o país foi reconstruído. (...) Tudo se passa como se uma etnia não pudesse sobreviver sem um território, o que significa dizer sem um enraizamento onde ela possa ancorar seus geossímbolos e fixar um espaço vivido que lhe seja familiar.

Siqueira (2009, p.33) afirma que os deslocamentos populacionais fazem parte da história da humanidade pela busca de melhores condições de vida e de trabalho. De acordo com a autora, os movimentos migratórios se constituem numa peça-chave para a compreensão da formação das sociedades e das identidades culturais. Nessa perspectiva, todos os territórios que formam o município de Itueta têm em sua história o fenômeno migratório influenciando fortemente a sua constituição territorial.

Dentre os três territórios, a comunidade de pomeranos – do território germânico – é a que mais preservou sua tradição, como afirma Seyferth (1988) *apud* Bassanezzi (1995, p.32): “No contexto da imigração no Brasil, nenhuma outra etnia se concentrou tanto em áreas homogêneas e compactas, concorrendo para modificar a estrutura fundiária e a vida dos Estados onde se estabeleceu”. Nesse sentido, a autora destaca que

Entre os alemães ‘houve uma tendência a constituir colônias homogêneas – ainda que em áreas de colonização mista – isoladas pela língua, pelos costumes e, às vezes, até pela religião. A maioria delas se expandiu a partir do século XIX: grande parte dos núcleos transformou-se em cidades pequenas e médias (industrializadas ou não), as atividades comerciais e artesanais se intensificaram e o

contato com os imigrantes de outras nacionalidades (inicialmente também isoladas nas suas linhas coloniais) e com brasileiros passou a ser mais constante.

Ainda, de acordo com a autora, algumas colônias italianas apresentaram a mesma característica, porém em escala muito menor e por um período de tempo reduzido.

Ao abordarem a imigração italiana na região de Itueta, Nicoli e Siqueira (2011) afirmam que os italianos mantiveram uma relação de respeito e amizade com os moradores de outras etnias, porém os casamentos ocorreram predominantemente entre famílias de descendência italiana. Segundo o estudo das autoras, para os descendentes casar-se com mesma etnia é melhor, pois os costumes, valores e virtudes são os mesmos.

No município de Itueta também se pode observar que entre os descendentes de italianos predomina a religião católica e as manifestações decorrentes dessa profissão de fé. Entre os descendentes de germânicos, erradicados na parte norte do município, prevalece o protestantismo, mais especificamente o luteranismo, que é a religião predominante na Alemanha, país berço da reforma protestante liderada por Martinho Lutero a partir de 1517. Ao chegarem ao Brasil, os católicos já encontraram uma Igreja organizada, mas a Igreja Luterana não existia. As primeiras comunidades luteranas da região nasceram com a vinda das primeiras famílias luteranas (GAEDE, 2011). Já na sede do município a religião católica predomina, mas se identifica uma considerável diversidade religiosa formada pelas Igrejas Luterana (Tradicional e do Brasil), Assembleia de Deus, Presbiteriana, Batista, Maranata, além da Paróquia São João Batista. O padroeiro da cidade que dá nome à paróquia é o santo de devoção do coronel Osório.

Os territórios se fundaram e se desenvolveram marcados por culturas distintas, onde cada grupo procurou afirmar sua singularidade. O convívio de pessoas de diferentes nacionalidades imprimiu no território-cidade uma característica multicultural, diferenciando-o dos outros dois territórios que, por se

desenvolverem em separado, preservaram a cultura trazida da Europa, pelos seus antepassados.

Ao discutir processos de territorialização, Haesbaert (2007) aborda outros dois processos que estão intimamente relacionados: desterritorialização e reterritorialização, cunhando, assim, o termo “des-re-territorialização”. Para o autor, tais processos são indissociáveis. Se há um movimento de desterritorialização, haverá também, por conseguinte, um movimento de reterritorialização e territorialização.

Este processo de des-re-territorialização pode ser claramente identificado na formação dos primeiros núcleos de descendentes europeus, que trouxeram consigo seus costumes, valores, língua, religião, culinária, práticas culturais e projetaram essas características no novo espaço. O isolamento dos primeiros núcleos favoreceu a preservação da tradição e da identidade, compondo dois territórios distintos.

Murilo Flores (2006, p. 4) ao tratar do conceito de território aponta para uma visão abrangente do mesmo, de maneira que a questão identitária é considerada. Logo,

[...] o conceito de território incorpora o jogo de poder entre os atores que atuam num espaço. Como resultado desse jogo de poder, define-se uma identidade relacionada a limites geográficos, ou ao espaço determinado. O território surge, portanto, como resultado de uma ação social que, de forma concreta e abstrata, se apropria de um espaço (tanto física como simbolicamente), por isso denominado um processo de construção social.

Neste cenário, podemos afirmar que após a crise europeia do século XIX alemães, pomeranos e italianos buscaram se restabelecer em um novo espaço, do outro lado do Atlântico, tentando reproduzir o modo de vida trazido “como bagagem”. Ao ocuparem e se apropriarem do novo espaço, o configuraram em territórios que, mais tarde, ajudaram a compor o município de Itueta. Um processo semelhante foi vivenciado por um grupo de brasileiros,

provenientes da Zona da Mata mineira, que também chegou à região em busca de melhores oportunidades, no final da década de 1920, constituindo um terceiro território, marcado por traços multiculturais, provenientes da sua relação com os outros dois territórios de descendentes de europeus. A seguir, apresentamos mais detalhes do desenvolvimento deste último território.

3.3 A ASCENSÃO E A DECADÊNCIA DO TERRITÓRIO DE ITUETA

*Transporte por ferrovia,
De gente e mercadoria,
Diariamente se tinha.
De trem ou de caminhão
Era grande agitação
Um que ia, outro que vinha²⁰*

O período compreendido entre a chegada do coronel Osório Barbosa de Castro e Silva ao local, em 1926, até meados da década de 1960 é considerado o “período de ouro de Itueta”. Durante quase cinco décadas o município conviveu com um grande dinamismo socioeconômico e cultural. O processo de desenvolvimento foi gerado pelo comércio, pelas atividades agropecuárias das primeiras famílias de descendentes de imigrantes e pela exploração da madeira, sobretudo pelas famílias brasileiras, que a preparavam para exportação (REZENDE; ÁLVARES, 2009). A riqueza das florestas e a realização da prática extrativista atraíram a vinda de uma serraria do Rio de Janeiro e outra de Belo Horizonte e, neste período, a sede do município contou com a presença de três serrarias, sendo a terceira de propriedade de famílias do local.

A construção da Estação Ferroviária de Itueta, inaugurada em 1927, foi de fundamental importância neste processo de desenvolvimento territorial, pois facilitou o escoamento da madeira e dos produtos agropecuários e incentivou o

²⁰ Trecho da composição “Suor e Lágrimas – 2º Tempo” de Paulo Vanturim (2006).

comércio nas imediações desse ponto de parada do trem. Além de contribuir com o desenvolvimento econômico de Itueta, a Estação também propiciou seu desenvolvimento sociocultural, já que aproximou pessoas de diferentes nacionalidades e práticas culturais. Com a construção da Estação também houve aproximação do distrito vizinho de Santa Rita de Ituêto, localizado a 36 quilômetros de Itueta, que decidiram abrir estradas para chegar ao local e distribuir seus produtos. De acordo com os relatos, no auge deste período áureo, o município de Itueta tinha cerca de quinze mil habitantes, quase nove mil habitantes a mais do que possui atualmente²¹.

A exploração intensa da madeira por quase três décadas consecutivas esgotou este recurso natural e a prática extrativista começou a declinar no início da década de 1960, provocando o fechamento das serrarias. A parte norte do município sentiu a necessidade de abrir estradas para se ligar ao município de Resplendor, a oeste, e para se ligar ao município de Aimorés, a leste, na direção do Espírito Santo. Dessa forma, a produção agrícola vinda das colônias germânicas para ser comercializada na sede acabou sendo desviada por essas estradas construídas no lado norte do Rio Doce. Isso, junto com o esgotamento da madeira, comprometeu o desenvolvimento de Itueta, que entrou em fase de estagnação. Segundo o senhor Paulo a abertura dessas estradas visavam

facilitar ao pessoal buscar recursos médicos, hospitalares e tal. E por essas estradas, onde eles iam procurar esses recursos, escoavam os nossos produtos. Aí começou uma decadência no nosso município. Por volta de 1960, 66, houve essa decadência. Aí foi até que transformou-se numa cidade dormitório. Já não se havia mais atividades em nossa cidade (Paulo Venturim, 67 anos).

Após a emancipação, a primeira providência do prefeito eleito foi ampliar de oito para trinta e duas o número de escolas, para assegurar a educação das pessoas de todos os recantos do município. Na área da saúde, o prefeito manteve entendimentos com os diretores de hospitais de Aimorés e Resplendor, para que os doentes encaminhados pela Prefeitura recebessem a assistência médica de que precisavam. Estabeleceu parcerias com o Serviço

²¹ Atualmente população de Itueta é de 6.051 habitantes (IBGE, 2013).

Estadual de Saúde Pública (SESP) para combater a esquistossomose, tratar a água servida à população e construir redes de esgoto na área urbana, além de auxílio técnico para a elaboração do plano diretor. Providenciou nomes para as ruas e números para as águas e, em 1950, a cidade recebeu energia elétrica, movida a óleo diesel. O senhor Antônio Barbosa de Castro foi prefeito por outras duas vezes, cumprindo os seguintes mandatos: 1955-1959 e 1963-1967 (CASTRO, 2001, p. 32-34).

Se nesse período áureo a perspectiva de Itueta era de desenvolvimento, os anos seguintes representaram um período de estagnação que significou para os moradores locais um tempo de muitas perdas, tanto no campo material, como no simbólico.

O período de estagnação e, posterior, retração econômica teve início no final da década de 1960, no último mandato do prefeito Antônio Barbosa de Castro. Neste momento, as serrarias foram fechadas, a maior parte da produção do núcleo de descendentes de germânicos estava sendo desviada para outros municípios e a perda populacional, devido ao início de fluxos migratórios para a região norte do País, como o estado de Rondônia. Itueta, então, passou a depender quase que exclusivamente de repasses de recursos estaduais e federais. Até hoje é dependente, devido à pequenez da sua geração de renda.

Na perspectiva simbólica, pode-se observar que a história do município registra a realização de muitas festas populares. Os moradores se referem à antiga cidade como sendo o lugar festivo e alegre, onde até o dia de finados é comemorado. As festas seguiam as datas comemorativas expressas no calendário civil e religioso e, dessa forma, aconteciam durante o ano inteiro. Carnaval, Malhação de Judas, Festa Junina do Padroeiro São João Batista, Sete Setembro, costumavam envolver toda a população em suas atividades e, pelo que dizem os moradores, era o que ajudava a mantê-los em uma organização comunitária, como afirma nosso entrevistado:

Tinham nossas festas. Para não deixar passar em branco, para ter o que fazer, para ocupar o tempo das pessoas, então a gente fazia essas festas. A rapaziada se ajuntava e, com a ajuda dos adultos e dos mais idosos, todo mundo via a necessidade de promover alguma coisa, então dava aquele apoio. Então a gente fazia o melhor possível, não saíam aquelas festas grandes, mas saíam festas boas, e a gente atraía a população ali (Paulo Venturim, 67 anos).

Na Itueta velha as festas também favoreciam o contato entre os grupos, muito embora os núcleos de descendentes de imigrantes mantivessem suas comemorações restritas aos seus pares. As festas da cidade contribuíam para tornar a rede social mais coesa, independente das diferenças de nacionalidade e cultura e traziam ao cotidiano de todos os moradores a “sensação de proximidade e, portanto, de interesses comuns” (TONNIES, 1947). Este modo de vida dos moradores era sustentado por elementos de uma cultura holística, por “hombres que se sienten y saben como perteneciéndose unos a outros, fundados em laproximidad natural desus espíritus” (TONNIES, 1942, p.45).

Sobre este modo de vida, dona Maria da Penha destaca:

A gente conhecia todo mundo, a gente via todo mundo todo dia, era uma maravilha o lugar, sabe. E à noite a gente ia para igreja e quando chegava tinha uma pracinha, porque ninguém gostava de assistir televisão em casa, ia para pracinha, aquilo ficava assim, oh [faz gesto com a mão, indicando que o lugar ficava lotado] a televisão na pracinha. Lá tinha pipoca, tinha sorvete, tinha fruta, lá o pessoal vendia para gente bater papo, a gente batia papo. Era constantemente, não tinha dia (Maria da Penha, 62 anos).

De acordo com os relatos, os desafios econômicos iniciados nos anos 1960 pouco interferiram na dimensão simbólica do cotidiano da cidade. As relações comunitárias se mantiveram firmes. Elas partem do momento fundante de Itueta, perpassa toda a fase de articulação, ascensão e decadência econômica do território urbano. Nos anos de 1990, entretanto, elas começam a ser abaladas com o anúncio da construção da UHE Aimorés e a conseqüente realocação da cidade. Este contexto será abordado no próximo capítulo.

4 A DESARTICULAÇÃO DO TERRITÓRIO DE ITUETA

*Não sairá da memória
O mudar de trajetória
Do curso de nossas vidas
Foi uma fatalidade
Saber que nossa cidade
Seria, já, demolida²²*

4.1 A CHEGADA DA UHE AIMORÉS E A DESARTICULAÇÃO DO TERRITÓRIO DE ITUETA

Foi no final da década de 1990 que a população de Itueta soube da chegada da UHE Aimorés e das implicações decorrentes da construção desse empreendimento, como, por exemplo, a necessidade da realocação da sede do município para dar lugar ao reservatório d'água e possibilitar o deslocamento da Estrada de Ferro Vitória-Minas (REZENDE; ÁLVARES, 2009). A notícia foi recebida com certa desconfiança, pois há quarenta anos circulava uma especulação sobre a construção de uma barragem no município, devido às condições favoráveis do seu ambiente natural, mas esse assunto sempre permaneceu no campo das intenções. Com o passar dos dias, o sentimento de desconfiança da população foi cedendo espaço ao sentimento de angústia, pois a população foi percebendo que, dessa vez, a barragem seria de fato construída. No início do ano 2000 aconteceu a primeira audiência pública para discutir o projeto, envolvendo os moradores, os técnicos do Consórcio Hidrelétrico (Vale e Cemig) e os técnicos do Ibama. Autorizada a obra, o Consórcio lançou a pedra fundamental do projeto (*ibidem*, 2009).

Diante dessa realidade, os moradores se articularam para negociar a realocação da cidade. A Associação de Moradores de Itueta (AMI) foi reativada para representar os interesses da população do município, mas acabou representando apenas os moradores da área urbana, pois os ribeirinhos da parte norte preferiram se organizar em outra associação, integrando-se aos

²² Trecho da composição "Suor e Lágrimas – 2º Tempo" de Paulo Vanturim (2006).

atingidos de Resplendor e Aimorés²³. O trabalho de negociação conduzido pela AMI²⁴ durou quase dois anos. Teve início no princípio de 2001 e se encerrou em setembro de 2002 quando assinou com o consórcio o “Termo de Compromisso para Realocação da Cidade de Itueta”, documento que coroou as inúmeras reuniões de negociação. Entre os compromissos do consórcio estavam especificadas a construção da nova sede e a indenização a ser recebida pelos moradores²⁵.

De acordo com o senhor Evaristo, que atuou na liderança da AMI, uma das primeiras ações da associação foi decidir o local onde a nova cidade seria construída, entre as três alternativas oferecidas pelo consórcio empreendedor. Conforme sua narrativa, a escolha do local foi estratégica e visava à retomada do desenvolvimento econômico de Itueta, que estava em decadência desde o final da década de 1960:

E essa opção aqui [nova Itueta] que foi a escolhida pela comunidade. Houve votação, assembleia, tudo, e escolheram aqui, por quê? Como nós estávamos estagnados economicamente e Quatituba, aqui, com um crescimento muito grande, e aqui está Resplendor, imaginou-se o seguinte: Quatituba, Resplendor, Santa Rita, aqui, distritos da cidade de Aimorés, todo mundo tem que passar aqui dentro de Quatituba para ir a Resplendor, para acesso a serviços bancários, a serviços médicos mais especializados. Resplendor é o nosso núcleo, por exemplo, de SUS, e por ai vai. Então imaginou-se que trazendo Itueta para este ponto aqui, entre Quatituba e Resplendor, nós nos beneficiaríamos com esse movimento todo, de forma que a gente pudesse reter esse movimento em busca de banco, de serviço médico aqui e ter um crescimento e gerar renda para o nosso povo (Evaristo Castro, 62).

Considerando a opção escolhida pela população, o consórcio imediatamente deu início à preparação da nova cidade. As fotos abaixo apresentam o evento de lançamento da pedra fundamental (FIGURA 3) e as obras de terraplanagem

²³ Municípios mineiros, vizinhos de Itueta, também afetados pela construção da usina. O empreendimento hidrelétrico também afetou o município capixaba de Baixo Guandu, situado na região.

²⁴ Neste trabalho destacamos as atividades desse grupo, já que nosso objeto de investigação é a sede de Itueta.

²⁵ Condicionantes previstas no projeto aprovado pelo Ibama.

do sítio que abrigaria a nova Itueta, ocorridas no primeiro trimestre de 2002 (FIGURA 4).



Figura 3: Pedra Fundamental da nova Itueta
Fonte: Arquivos de Paulo Venturim (2002)



Figura 4: Terraplanagem, nova Itueta
Fonte: Arquivos de Paulo Venturi (2002)

Enquanto a nova cidade começava a ser preparada, na cidade antiga, os moradores ainda negociavam a construção de suas casas e as indenizações a que teriam direito, o que realça a velocidade da execução do projeto de realocação. Sobre esse acordo com o consórcio, as narrativas deixam claro que os indivíduos não tiveram prejuízos financeiros. Aos moradores foram dadas as seguintes opções: vender a casa; trocar a casa da cidade velha por outra na cidade nova (casa padrão); ou trocar a casa por um lote na nova Itueta e receber a diferença em dinheiro para executar um projeto próprio de residência. Outra conquista das negociações foi o estabelecimento das indenizações:

[...] fosse para o proprietário vender, fosse para permutar, ou fosse para receber em dinheiro para construir aqui, seria pelo valor de reposição, quer dizer, o valor de construção de uma moradia nova e não pela avaliação do estado daquela moradia antiga. Isso foi muito bom, porque, por exemplo, se o sujeito tinha uma casinha muito simples, até já caindo aos pedaços, de 50 metros quadrados, se fosse para avaliar quanto ela vale, ela vale R\$2.000,00. Mas não. 'Quanto se custa para se construir hoje uma residência de 50 metros quadrados a valores atuais'. E aí estabelecemos moradias de padrão simples, médio e alto. Então isso permitiu que todos de lá tivessem a condição de ter aqui uma moradia nova, bem construída, digamos assim, pelo menos teoricamente (Evaristo Castro, 62).

Além disso, a AMI também garantiu junto ao consórcio que 136 famílias da cidade consideradas de baixa renda e que não possuíam casa própria fossem contempladas com uma casa social de uma sala, dois quartos, cozinha e banheiro, de 37 metros quadrados, edificadas em lotes de 250 metros quadrados na nova Itueta.

Ainda sobre essas articulações, dona Rute, que era presidente da AMI neste contexto, destaca que a associação também se ocupou de negociar interesses coletivos, como a infraestrutura urbana e construção de espaços públicos de convívio social. A proposta da criação de uma rodoviária, mercado municipal e centro comercial iam ao encontro do projeto de recuperação do desenvolvimento econômico de Itueta, expectativa gerada com a realocação e

que, de certa forma, ajudaria a minimizar o trauma vivido em função da mudança.

Conforme os relatos, em determinado momento desse período, o protagonismo da AMI foi transferido para o padre e o prefeito da cidade, o que, na opinião dos sujeitos, contribuiu para fazer o projeto empreendedor avançar em sua execução. O prefeito foi provocado pelo consórcio a assumir o papel da gestão do município, sob o argumento de que a associação estava exercendo liderança superior a sua. E o padre decidiu sozinho pela destruição da Igreja, sem qualquer consulta a seus fiéis. A Igreja, pelo papel simbólico que representa, mantinha os moradores reunidos e, assim, resistentes aos embates do processo. Sua destruição arbitrária, nas palavras de um de nossos informantes “foi um golpe mortal”.

Dessa maneira, o Consórcio se torna soberano e exclui a possibilidade de estabelecer suas relações de poder com a comunidade, elegendo para tanto as distintas representações do poder local, consideradas pelos informantes como um escudo capaz de resguardar os interesses de todos. Por outro lado, não resta a esses representantes qualquer alternativa senão a responsabilidade da negociação sob a pena de sofrer os efeitos da soberania absoluta do Consórcio sobre todo o processo. Não cabe, portanto, levantar culpados, mas compreender o tabuleiro das relações de poder cujo centro irradiador passa a ser, em função da soberania exercida, o próprio Consórcio.

A Figura 5 retrata a Prefeitura Municipal de Itueta e a Figura 6 retrata o momento da sua derrubada, ocorrido em 2004.



Figura 5: Prefeitura Municipal de Itueta
Fonte: Arquivos de Paulo Venturim (2002)



Figura 6: Demolição da Prefeitura Municipal de Itueta
Fonte: Arquivos de Paulo Venturim (2004)

A Figura 7 apresenta a Igreja de São João Batista e a Figura 8 retrata o momento da sua derrubada, em 2004. A Prefeitura e a Igreja ficavam situadas na Rua Dona Júlia Barbosa e para este local foi desviada a linha férrea da Vale que margeava o Rio Doce.



Figura 7: Igreja de São João Batista
Fonte: Arquivos de Paulo Venturi (2002)



Figura 8: Demolição da Igreja de São João Batista
Fonte: Arquivos de Paulo Venturi (2004)

Outra ação que contribuiu para desarticular os moradores foi o início da transferência da população para a nova Itueta, ainda em construção, a partir das famílias que receberiam a casa social:

Eles primeiro vieram aqui e construíram as 136 casas que seriam doadas e chegou um momento, porque aqui ainda tinha mais da metade das famílias aqui negociando e aí eles chegaram e falaram 'nós precisamos mudar a estrada de ferro, vamos acelerar esse processo e vamos iniciar a mudança'. E a associação de moradores disse 'não, só vamos mudar depois que estiver tudo negociado, depois que estiver todo mundo pronto para mudar'. Eles forçaram a barra. Aí entrou o poder econômico, o poder político, aí houve um trauma, realmente. O quê que eles fizeram? Eles terminaram a construção das casas sociais, criaram aqui um ou dois ou três comércios pequenos, aqui, e foram nessas 136 famílias e falaram 'ou você muda agora ou você vai perder o seu direito'. Não iam perder porque era contrato. 'Não, muda agora que nós vamos te dar 6 meses de luz grátis, 6 meses de' e essas pessoas pagando aluguel lá. Rapaz, virou uma avalanche, ninguém segurou. Essas 136 famílias aceitaram mudar não sei o quê, pá, pá, pá. A associação tentou segurar para manter o povo, 'não, mas você vai pagar o nosso aluguel aqui? Eles estão pagando lá. Eles vão nos dar cestas básicas'. Acabou. Acabou a união, transferiram. (Evaristo Castro, 62 anos).

Sobre esse fato, o senhor Rúdio Piper também afirma que o início da transferência foi precipitado e feriu o acordo estabelecido entre os moradores e o Consórcio empreendedor. A transferência iniciada pelos moradores das casas sociais desarticulou o grupo e os que ficaram foram expostos às situações que os forçaram a apressar a mudança:

Primeiro, o consórcio, os negociadores prometeram que eles iriam fazer uma cidade para nós, uma cidade. Não iria mudar ninguém antes que a cidade estivesse pronta. Eles comoveram os coitados dando uma casinha, para quem não tinha casa lá deu uma casinha para ele, depois que eles estavam com as casinhas prontas eles começaram a pressionar "se você não mudar você vai perder a casinha". Aí os coitados puxaram, depois nós viemos na marra. Nós viemos debaixo de máquina, de poeira, de pressão. Arrancou nosso direito todo lá: água, luz, esgoto ficou espalhado pela rua a fora, nós fomos massacrados (Rúdio Piper, 71 anos).

A Figura 9 mostra um dos conjuntos de casas construídos da nova cidade. A Figura 10 indica a existência de um canteiro de obras na antiga cidade, já em 2002. Inicialmente, os moradores conviveram com as atividades de deslocamento da linha férrea e, posteriormente, com a demolição da cidade.



Figura 9: Conjunto de casas populares
Fonte: Arquivo de Paulo Venturim (2004)



Figura 10: Canteiro de obras, Itueta velha
Fonte: Arquivo de Paulo Venturim (2002)

Conforme os relatos, no acordo firmado entre a AMI e o Consórcio da UHE Aimorés a demolição da antiga cidade de Itueta só aconteceria após a realocação da sede, o que não se cumpriu. Os moradores foram transferidos para uma cidade ainda inacabada e a destruição da cidade velha começou enquanto muitos ainda estavam negociando sua mudança, o que atropelou todo o processo e obrigou a população a se dividir entre dois canteiros de obras: um, na cidade antiga, e outro, na nova cidade:

Transformaram a nossa cidade num verdadeiro canteiro de obras que causava risco à nossas crianças: poeira demais, uma poluição total. E começaram a trazer o povo pra aqui [Nova Itueta] também antes da hora, a cidade aqui não estava pronta. Então ficou aquele tumulto muito grande para os moradores e nós ficamos em dois canteiros de obras enormes: de lá e aqui. [...] Os empreendedores não tinham... eram uma máquina de fazer lucro que não tinha coração (Paulo Venturim, 67 anos).

Os católicos que permaneceram continuaram a realizar suas atividades religiosas no espaço da Igreja Luterana, cedido para tal finalidade. Embora tivessem esse lugar para se reunir, a derrubada da Igreja Católica desestimulou os católicos na participação das atividades da Igreja e nos movimentos de resistência, o que também contribuiu para acelerar a mudança para a nova cidade:

Para te dar uma ideia, o povo católico que ainda permanecia aí tinha uma Igreja Luterana que estava preservada, eles cederam para que os católicos pudessem se reunir ali e fazer o culto. Isso quase destruiu a Igreja Católica nossa, porque o povo ficou revoltado. [...] Mas enfim, não teve jeito, uns três, quatro meses depois que isso aconteceu todos os demais aqui foram forçados a negociar às pressas e cair fora, porque eles estavam passando a máquina por cima. Viemos então no final de 2004 (Evaristo Castro, 62 anos).

Assim, sem a força do conjunto, os interesses particulares minaram a percepção comunitária que identificava a todos. Da mesma forma, transformou rapidamente as relações expressas no espaço. De uma hora para outra, bastava acertar o acordo e as máquinas rapidamente demoliam as casas, apagando as conexões das redes sociais, reconfigurando proximidades e distâncias, desarticulando o território.

Nesse sentido, Bonnemaïson (2002, p.99) afirma que

um território antes de ser uma fronteira é primeiro um conjunto de lugares hierarquizados, conectados a uma rede de itinerários. [...] A territorialização (...) engloba ao mesmo tempo aquilo que é fixação [enraizamento] e aquilo que é mobilidade, em outras palavras, tanto os itinerários quanto os lugares.

Para Laís, jovem de 19 anos, uma manifestação emblemática no processo de realocação da cidade se deu na Escola Estadual Américo Vespúcio, palco onde os mais jovens da Itueta velha se colocaram como sujeitos, registrando sua percepção sobre o processo. Ao escrever suas tristezas, revoltas, angústias e incertezas quanto ao futuro nas paredes da escola, a juventude mostrou também sua relação dramática com as perdas de referência e identidade, assim como os moradores mais velhos em relação à Igreja e à Prefeitura. São as marcas de um processo que desconsiderou os sentidos humanos do território.

De acordo com Haesbaert (2005) todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”.

As figuras 11 e 12 expressam bem os sentidos humanos que atribuem funções e significados ao território. As imagens são apenas um recorte das centenas de mensagens escritas nas paredes e cravadas nas memórias desses sujeitos jovens em sua relação com o território. O enraizamento expresso na subjetivação da escola, não apenas como um prédio ou unidade de um sistema, mas um território simbólico que reflete as relações afetivas de pertencimento, pode ser lido nas ilustrações que seguem.

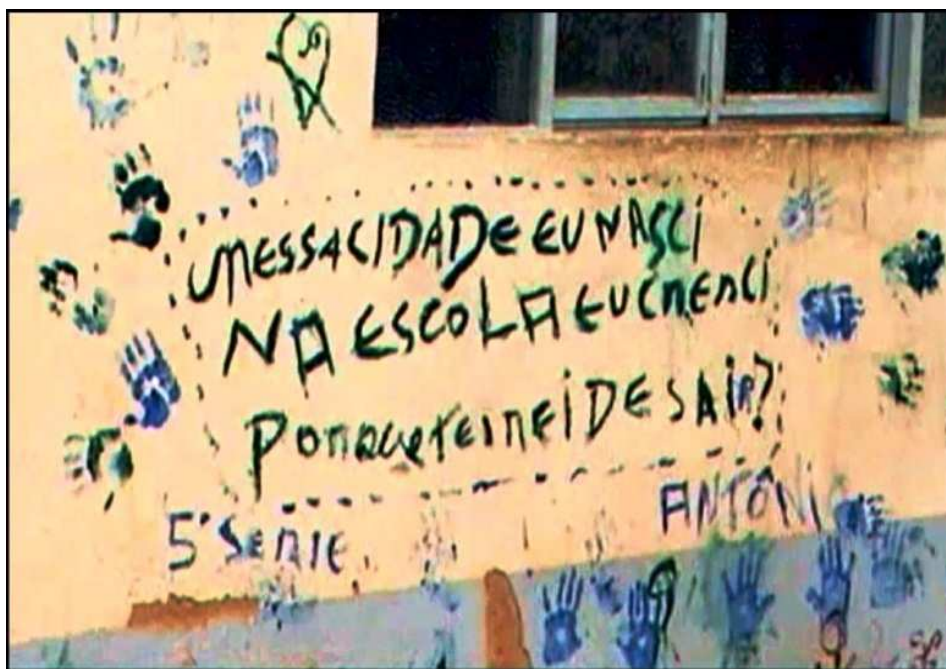


Figura 11: Escola Estadual Américo Vespúcio
Fonte: Arquivo de Paulo Venturim (2004)

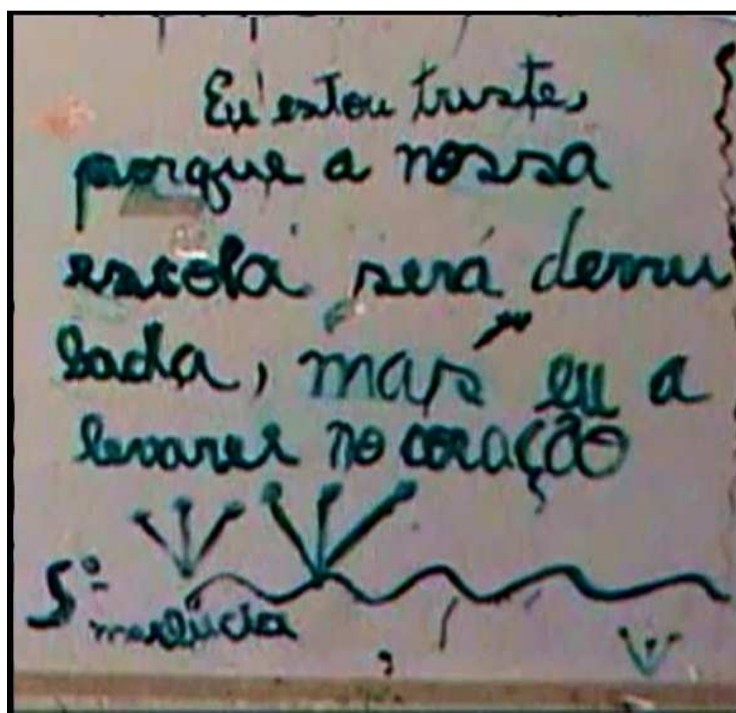


Figura 12: Escola Estadual Américo Vespúcio
Fonte: Arquivo de Paulo Venturim (2004)

Outro ponto que merece destaque se refere à destruição da Estação de Itueta. A cidade também era conhecida pelos doces produzidos a partir de técnicas

artesanais, vendidos durante as paradas do trem, que se consolidou como importante fonte de renda para inúmeras famílias. A destruição da estação pôs fim a uma prática de longa data que desarticulou economicamente as famílias envolvidas nessa atividade. Para além da desarticulação econômica houve ainda a desarticulação social, considerando que esses sujeitos envolvidos em tal prática organizavam suas vidas em função dela. Como podemos identificar no depoimento concedido pela dona Maria da Penha que trabalhava como doceira:

O trem parava um pouquinho, negócio de dois, três minutos. A gente entregava tudo. Uma pessoa só comprava dez, comprava quinze, era só a conta de você colocar na sacola, entendeu. A gente pulava bonito, corria cá, corria lá, entregava, outros pegavam tudo de uma vez, um dia a gente tomava cano, outro não [risos]. Mas era gostoso demais, viu? Meus trem que eu tinha dentro da minha casa foi tudo comprado com dinheiro de doce, lá em baixo. Tudo, tudo, comprava a prestação pequenininha, para não apertar, aí eu sabia que no final do mês eu tinha aquele dinheiro para pagar (Maria da Penha, 62 anos).



Figura 13: Estação de Itueta
Fonte: Arquivo de Paulo Venturim (2004)



Figura 14: Doceiras na Estação de Itueta
Fonte: Arquivo de Paulo Venturim (2004)

A mudança para uma cidade ainda inacabada, da forma como aconteceu, aliada à percepção da não concretização do idealizado projeto de desenvolvimento econômico, têm dificultado sobremaneira o processo de fixação dos moradores no novo espaço que ainda não se configurou em território. Para os moradores, a velha cidade ainda constitui seu real território, que embora destruído fisicamente, permanece como território simbólico nos corações e mentes de todos eles. Em meio a este contexto, a partir de Haesbaert (2005, p. 121), podemos compreender o território como “sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma”. Além disso, complementando com Boligan e Almeida (2003, p.241):

Território é o espaço das experiências vividas, onde as relações entre os atores, e destes com a natureza, são relações permeadas pelos sentimentos e pelos simbolismos atribuídos aos lugares. São espaços apropriados por meio de práticas que lhes garantem uma certa identidade social/cultural.

Embora o território simbólico esteja presente na memória, essa presença traz fissuras. Muitas práticas que marcavam o cotidiano das pessoas na velha cidade foram dizimadas com a realocação. A destruição do território físico de Itueta rompeu atividades econômicas e socioculturais provocando uma reconfiguração dos modos de vida. O processo de desarticulação da cidade pôs fim ao território material, e o lugar de alegria é sempre lembrado com a dor da sua destruição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se deu a formação territorial de Itueta entre 1926-2005? Como esse processo está expresso na memória dos moradores? Foram essas as questões que motivaram meu percurso investigativo pelo território de Itueta, buscando a compreensão da sua formação histórica. Nesta atividade contei com a colaboração de doze moradores que ofereceram suas narrativas sobre a cidade-território, no mesmo tempo em que narravam a história da própria vida. Os relatos colhidos nos revelam, assim, atores sociais que participaram da constituição territorial de Itueta, num processo em que também foram constituídos sujeitos por esse território (HAESBAERT e LIMONAD, 2007). Assim, a história da formação de Itueta descrita aqui é a história desses moradores e se faz presente na memória de cada um.

Na perspectiva cultural(ista) de Bonnemaïson (1996 e 2002) e de Haesbaert (2005 e 2007) o território é um espaço socialmente construído e culturalmente vivenciado ao longo de um período histórico. A construção de um território tem início quando um grupo social domina e se apropria de um espaço, atribuindo-lhe valor simbólico e fazendo dele suporte para (re)elaboração de suas identidades. Nesse sentido, o território é o espaço do cotidiano, do vivido, dos sentimentos, do pertencimento, onde as pessoas veem a realidade e a si mesmas. Nessa perspectiva, procuramos compreender a formação territorial de Itueta neste trabalho.

No percurso pelo território de Itueta²⁶ encontramos a história de sua origem, presente na memória dos seus moradores e nos registros históricos disponíveis. O território-cidade foi concebido com a ocupação e a apropriação de um espaço privilegiado por um grupo originário da Zona da Mata mineira, a partir de 1926, e se desenvolveu territorialmente a partir das relações

²⁶ Pudemos acessar o território material (através da visita à cidade antiga, no contexto da aula de campo) e o território simbólico (através dos relatos memorialísticos e registros dos moradores) de Itueta.

estabelecidas com outros dois territórios constituintes do município, formado por descendentes de imigrantes germânicos e italianos, vindos do Espírito Santo, no contexto da I Guerra Mundial (1914-1918). O convívio de pessoas de diferentes nacionalidades imprimiu no território-cidade uma característica multicultural, diferenciando-o dos outros dois territórios que, por se desenvolverem em separado, preservaram a cultura trazida da Europa pelos seus antepassados.

Continuando esse percurso, encontramos o momento de ascensão e de decadência desse território. A construção da Estação Ferroviária em 1927, somada à intensa atividade comercial, agropecuária e de extração da madeira impulsionaram o desenvolvimento territorial de Itueta, que conseguiu sua emancipação político-administrativa em 1948. No período compreendido entre sua origem e a década de 1960, Itueta viveu um período de ouro, sendo considerado um lugar de franco desenvolvimento social, cultural, político e econômico. Com o final do ciclo da madeira e a abertura de estradas vicinais ligando a Vila Neitzel e a Vila de Quatituba a outras cidades vizinhas, o território de Itueta entrou em fase de decadência, depois de quase cinco décadas de ascensão. Como consequência, as serrarias foram fechadas, a economia estagnou e uma considerável parcela da população migrou para o norte do país em busca de melhores condições de vida.

Chegando a um tempo recente, vivo e vivido pelos atores sociais desse processo, descrevemos a chegada da UHE Aimorés e a desarticulação do território de Itueta, provocada pela construção desse empreendimento hidrelétrico. Esse momento teve início em 1996 e foi concluído em 2005, com o fim da demolição da cidade e da realocação da população para uma nova sede, construída pelo Consórcio das empresas Vale e Cemig, responsável pela usina.

Alguns relatos se limitaram a narrar apenas este momento da história de Itueta, talvez pela força do seu impacto e/ou por estar ligado a uma memória recente. O sentimento de tristeza e de indignação diante do acontecido está marcado

nos relatos dos mais velhos e dos mais jovens, dos dirigentes da AMI e dos demais moradores que lamentam a forma como esse processo aconteceu. Ressaltamos que os moradores que relataram os contextos de origem e de ascensão e de decadência do território de Itueta não atribuíram a essas conjunturas o destaque concedido ao contexto do fim do território, o que indica a relevância desse fato para a história da formação territorial da cidade na perspectiva dos moradores.

Para finalizar, destacamos algumas questões que nos chamaram a atenção durante o percurso pelo território/memória de Itueta. A primeira se refere aos impactos causados pela construção da UHE Aimorés e da consequente realocação da cidade. Com o empreendimento, houve o desaparecimento de peixes, o que acabou com a atividade de pesca comercial. As atividades de agricultura familiar também foram dizimadas, já que na nova cidade as condições do local não possibilitam sua realização. Os relatos também registram a invasão de mosquitos que se proliferam nas várias lagoas que se formam nas áreas onde o Rio Doce foi desviado.

Além dos impactos sobre o ambiente natural, também foram recorrentes a descrição de impactos sobre a saúde da população. Alguns entrevistados narraram seu sofrimento e/ou de seus familiares por causa de uma terrível depressão desencadeada pelos traumas a que foram submetidos com a mudança, registrando a dificuldade que ainda enfrentam para reestruturarem suas vidas.

Para os mais velhos, assistir à destruição da Igreja Católica e da Prefeitura foi dramático, já que esses lugares eram seus marcos, sua força e sua referência. A demolição desses lugares e a pressão feita sobre as 136 famílias que receberiam casas sociais na nova cidade foi, segundo as narrativas, um fator que desagregou a população e fragilizou a força do conjunto nas negociações com o Consórcio. Para os mais jovens, a despedida da escola foi marcada pela tristeza, pela indignação e pelas incertezas quanto ao futuro, conforme os registros feitos nas paredes das salas de aulas. Dessa forma, a destruição da

cidade física também provocou profundas fissuras na cidade imaginária, que resistiu à pressão dos acontecimentos e se mantém viva na memória dos moradores.

O percurso investigativo realizado pelo território material e simbólico de Itueta nos permite considerar que os moradores possuem um forte sentimento de pertencimento à antiga cidade em detrimento de uma recusa da nova cidade, o que indica que a realocação envolveu uma desterritorialização física, não acompanhada de uma desterritorialização simbólica da Itueta velha. Como consequência, a reterritorialização na nova Itueta ainda não se concretizou para eles, mesmo passados oito anos de sua ocupação.

Sobre essa consideração, destacamos a relação dos moradores com o cemitério municipal, o único lugar da antiga cidade poupado da destruição. Mesmo havendo um cemitério jardim edificado na nova Itueta, as pessoas preferem enterrar seus mortos no antigo cemitério, o que sugere uma negação ao enraizamento na nova Itueta. Além desse indicativo, os constantes problemas enfrentados por fragilidades na infraestrutura urbana e o não cumprimento de todos os acordos firmados com o Consórcio levam os moradores a crer que a cidade ainda não lhes foi entregue, portanto ainda não tomarem posse dela.

Embora nosso objeto seja a formação territorial da antiga cidade, entre 1926-2005, as narrativas colhidas nos colocam a hipótese de que a transferência reconfigurou o modo de organização social dos moradores, que passou do modelo de comunidade para o de sociedade. De acordo com os relatos, este foi o maior impacto negativo da realocação, pois quando “o espaço se transforma e as referências espaciais se perdem na dinâmica incessante do tempo, os homens perdem seus elos, sua base identitária e a substância de sua história” (DELGADO, 2005, p.14).

Assim, consideramos que este trabalho pode ser complementado com estudos sobre comunidade, sociedade e sociabilidade, a partir de Ferdinand Tonnies (1942 e 1947), comparando o cotidiano da velha e da nova cidade.

Enfim, retomamos a epigrafe com que iniciamos este trabalho “[...] as experiências nos cenários eternizados na memória são tesouros guardados com muita ternura” (ROSENDHAL e CORREA, 2001) para responder às questões motivadoras desse percurso investigativo. Podemos concluir que Itueta foi concebida e se desenvolveu territorialmente ao longo do século XX, constituindo-se um território mediado e revestido de sentimentos, desejos, lembranças, ritos e resistências. A chegada da UHE Aimorés, no final da década de 1990, pôs fim em um território material, que hoje é guardado na memória de cada morador, na condição de território simbólico.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Elisabeth Maciel de. **Avaliação de técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação da prevalência de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas.** Escola Nacional de saúde pública Sérgio Arouca – ENESP; Rio de Janeiro: Ministério da saúde – Fiocruz, 2009, Dissertação de Mestrado, 99 p.

BASSANEZI, M. S. B. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (Org). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo.** São Paulo: FNUAP, 1995.

BOLIGIAN, L.; ALMEIDA, R. D. de. A transposição didática do conceito de território no ensino de geografia. In: GERARDI, L. H. de O. (Org). **Ambientes: estudos de geografia.** Rio Claro: Programa de Pós-Graduação em Geografia – 34 UNESP; AGETEO, 2003.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do Território. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia Cultural: um século.** Rio de Janeiro: UERJ, 2002.

CASTRO, Antônio Barbosa. **Itueta, retrato de uma época.** Belo Horizonte: [s.n.], 2001. 94p.

DECRETO-LEI nº148 de 17 de dezembro de 1938 **que cria o Distrito de Itueta e o subordina ao Município de Resplendor.** Decreto Estadual.

DECRETO-LEI nº 336, de 27 de dezembro de 1948 **que eleva Itueta (ex-Ituêta) à categoria de município, desmembrado de Resplendor, com sede no antigo distrito de Itueta.** Decreto Estadual. Data de instalação: 01 de janeiro de 1949.

DELGADO, Lucília de Almeida N. História Oral e narrativa: tempo, memória e identidade. **História Oral**, 6, 2005. p 9-25

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John.L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ESPÍNDOLA, H. S. **Sertão do Rio Doce**. Bauru: EDUSC, 2005.

FLORES, Murilo. A identidade cultural do território como base de estratégias de desenvolvimento - Uma visão do estado da arte. Disponível em:

http://indicadores.fecam.org.br/uploads/28/arquivos/4069_FLORES_M_Identidade_Territorial_como_Base_as_Estrategias_Desenvolvimento.pdf Acesso em 04 fev. 2013.

FRANÇA, Jussara. Quadro Geral da Imigração e Colonização no Brasil. In.: REZENDE, M. e ÁLVARES, R. **Era tudo mata: o processo de colonização do Médio Rio Doce e a formação dos municípios de Aimorés, Itueta e Resplendor**. Belo Horizonte: Consórcio da Hidrelétrica de Aimorés, 2009

GAEDE, Evaldo. **Racha Pau**: a trajetória de famílias pomeranas e alemãs da Europa a Minas Gerais. Nova Venécia, Gráfica e Editora Cricaré, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **A multiterritorialidade do mundo e o exemplo da Al Qaeda**. Terra Livre. São Paulo, Ano 18, v.1, n.18. p.37-46, jan-jun de 2002.

HAESBAERT, Rogério. Da Territorialização à Multiterritorialidade. **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**. São Paulo, 2005.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 2007.

HAESBAERT, Rogério e LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. In.: **Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas**, 15 ago. 2007, nº 2, vol. 1. Disponível em:

http://www.uff.br/etc/UPLOADS/etc%202007_2_4.pdf. Acesso em: 17/04/2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2013**.

NEVES, A. J. **Lugar de memória e espaço da construção do lugar. Itueta/MG: uma cidade e duas partes**. 2009. Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Departamento do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2009.

NICOLI, Sandra; SIQUEIRA, Sueli. Território de imigração italiana e emigração de seus descendentes. In: **III Congresso Internacional - Territórios, poderes, identidades**, 2011, Vitória - Espírito Santo. v. 01. p. 1-12.

Observatório Sócio-Ambiental da Barragens - ETTERN/IPPUR/UFRJ Av. Pedro Calmon, 550- Prédio da Reitoria, sala 533 Cidade Universitária- Rio de Janeiro- RJ Telefone/Fax: 55 21 2598 1915 - Sistema SGP 2012. Disponível em: <http://www.observabarragem.ippur.ufrj.br/barragens/4/aimores-eliezer-batista>. Acesso em: 20/02/2013.

RAPPORT, N.; OVERING, J. Social and Cultural Anthropology: Key Concepts. London: Routledge, 2000, pp. 283-290. LABOV, W. **Uncovering event structure**, in Georgetown Round Table. Georgetown: Georgetown University Press, 2001.

REZENDE, Marcos e Álvares, Ricardo (Org.). **Era tudo mata: o processo de colonização do Médio Rio Doce e a formação dos municípios de Aimorés, Itueta e Resplendor**. Belo Horizonte: Consórcio da Hidrelétrica de Aimorés, 2009. 266p.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e Memória: a construção de um perfil de Historiador-Etnográfico. **Ciência e conhecimento – Revista Eletrônica da Ulbra São Jerônimo – VOL. 01, 2007, HISTÓRIA. A.2.**

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil - Estados Unidos**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

STEAINS, William J. O Valle do Rio Doce. **Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro**, tomo IV, 3o. boletim, p. 213-226. [Traduzido por G. de Noronha]. Disponível em <http://biblio.etnolinguistica.org/steains-1888-rio-doce>. Acesso em 20/02/2013.

SOUZA, Lina Maria Inglezde; FREIRE, Renata Mauro. **Meio Ambiente na Educação: métodos, resultados e reflexões de um programa de educação ambiental do Instituto Terra**. Aimorés: Instituto Terra, 2009.

TONNIES, Ferdinand. **Princípios de Sociologia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1942.

TONNIES, Ferdinand. **Comunidad y Sociedad**. Buenos Aires: Lousada, 1947.

TRENTO, A. **Do outro lado do Atlântico: um século de imigração no Brasil**. São Paulo: Nobel, 1989.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p.07-72.

ZAMBRANO, C.V. Territoriosplurales, cambio sociopolítico y governabilidad cultural. **Boletim Goiano de Geografia**. Vol. 21, N.1, 2001.